Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



MICHÈLE MORGAN

Admiramo-la agora em «Longe do Mundo», da Lisboa-Filmes. E a Rádio-Filmes prepara o seu primeiro trabalho nos Estados-Unidos, onde muito se espera da grande revelação francesa.

SÉRIE—N.º 12—PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS—LISBOA, 27 DE JANEIRO DE 1941—PREÇO: 1$50

as estreias do Animatógrafo

«ANIMATÓGRAFO» VÊ SEMPRE AS FITAS ANTES DOS SEUS LEITORES. MAS VÊ-AS PARA LHES CONTAR ALGUMAS, EM IMAGENS E EM PROSA, PROPORCIONANDO-LHES ASSIM UMA ESTREIA, ANTES DE QUALQUER CINEMA

LISBOA-FILME
apresenta
«PÔRTO DE ABRIGO»

Realização e argumento de
Adolfo Coelho

Personagens:

Sónia . . . . ELISA CARREIRA
Maria da Graça . . . . MARIA DA GRAÇA
Rosa . . . . VIRGÍNIA SOLER
Jorge . . . . IGREJAS CAEIRO
Tenente Doll . . . . BARRETO POEIRA
António . . . . ÓSCAR DE LEMOS
Vasco . . . . ANTÓNIO DE SOUSA

Sónia (Elisa Carreira), primeira figura dum bando de espiões capitaneado por um tal Muller, depois de roubar certos planos, verifica que êles podem provocar horríveis desgraças e, para os não entregar, resolve fugir.



O tenente Doll (Barreto Poeira), ao serviço da contra-espionggem, persegue-a; e o sinistro Muller vai também no seu encalço. Sónia, entre mil perigos, só pensa em alcançar a almejada fronteira portuguesa, o que afim consegue.



Portugal, pôrto de abrigo, tem ali o seu espelho: na tranqüila e doce praia do Baleal.

Para Sónia, o ambiente de paz que a envolve é uma revelação. E no seu espírito mais se radica a decisão de esconder os planos.



Alugou uma casinha sôbre o mar e tomou para o seu serviço a Rosa (Virgínia Soler), mulher do António Pescador (Óscar de Lemos). O casal humilde enche de atenções a misteriosa estrangeira (— «Coitada! É uma refugiada...»)



«Naquele engano de alma...» Sónia já esqueceu os documentos que revelam o terrível raio da morte descoberto no laboratório do professor Zenthul. Mas sôbre ela paira a ameaça dos seus perseguidores, que não perderam a pista.



Jorge (Igrejas Caeiro) conta ao seu amigo Vasco (António de Sousa) o relato, que leu nos jornais, da aventura de Sónia, longe de saber que se trata da sua inquilina. Maria da Graça escuta mais a voz do que as palavras de Jorge...



O bando de Muller e o tenente Doll estão perto. Jorge surpreende mesmo uma violenta discussão entre Sónia e os antigos comparsas, mas a rapariga não permitiu que êle interviesse.

...E, no entanto, sente-se atraído...



Como Sónia não cede às ameaças, os dois partidos rivais usam de astúcia.

O tenente Doll propõe-se convencer, à má cara, a Rosa que deixe revistar a casa; mas a mulher tem parentes em Aljubarrota...



O caso toma aspecto sério: Sónia está em perigo e Maria da Graça é arrastada no torvelinho. Jorge, Vasco e António acodem pressurosos. Mas a aventura passa.

...E o sorriso de Maria da Graça é agora uma aleluia.

(Texto de António de Carvalho Nunes)

2.ª série / N.º 12 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 2 9856. Composto e Impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 NEOGRAVURA, LIMITADA, T. da Oliveira, à Estrêla, 4-6

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

27 de Janeiro de 1941

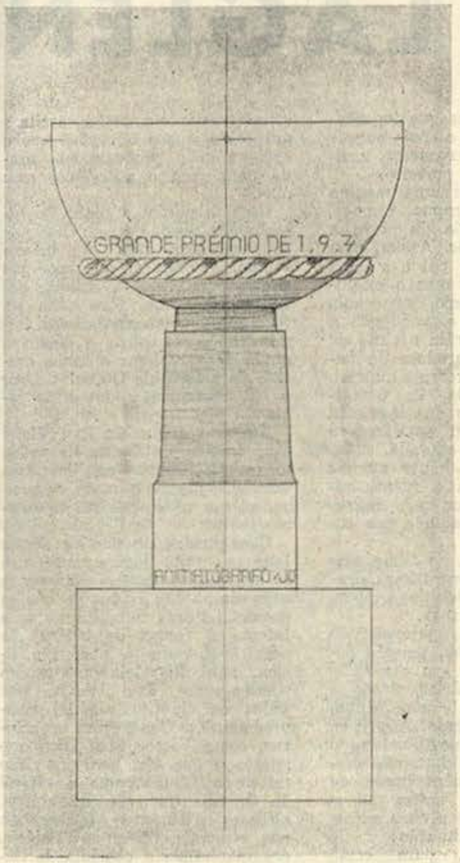
PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuïdores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef. P. A. B. X. 27507) — LISBOA

A FESTA DOS PRÉMIOS em que serão atribuídas a TAÇA e as MEDALHAS do "ANIMATOGRAFO"

realizar-se-á na próxima quinta-feira, 6 de Fevereiro, no TEATRO DA TRINDADE



Projecto definitivo da «Taça do Animatógrafo», da autoria do Pintor António Soares, de cuja execução se encarregaram as oficinas da firma «Pratas de Arte», da Rua da Misericórdia

«Animatógrafo» decidiu dar à festa em que serão proclamados os vencedores do concurso de 1940 — o Melhor Filme e as duas melhores interpretações do ano findo — um brilho que se harmonize com duas coisas já verificadas e que, se não nos surpreendem, nos desvanecem:

A categoria dos membros do Júri de Classificação — e a categoria dos resultados, que já conhecemos, mas que, de acôrdo com o estabelecido, só serão revelados no decorrer da Festa dos Prémios.

Assim, o projecto inicial da festa — tal como o da Taça, de que publicamos hoje o modêlo definitivo — sofreu sensíveis modificações.

Não se realizará assim no Cinema onde se estreou o filme premiado. Guarda-se dêste modo melhor o segrêdo que se pretende conservar em tôrno dos contemplados.

A Festa terá lugar no Teatro da Trindade, na próxima quinta-feira, 6 de Fevereiro. Até lá, tenham paciência, nada poderemos dizer.

VERIFICARAM-SE DOIS RESULTADOS IMEDIATOS E UM EMPATE

Parece-nos contudo interessante assinalar que, no 1.º escrutínio, se verificaram dois resultados imediatos, ambos por maioria, e um empate. O melhor filme e a melhor actriz logo ficaram definidos, a segunda mais isolada à cabeça que o primeiro.

No entanto, foram votados NOVE FILMES diferentes, cujos nomes figurarão todos na lista dos classificados, e CINCO ACTRIZES, cujos nomes também publicaremos.

Com os actores, deu-se um empate que obrigou o Júri de Admissão a recorrer à Segunda Volta prevista no Regulamento.

SEIS ACTORES foram votados, dois dos quais obtiveram igual número de votos em duas das suas interpretações. E como se trata de premiar a *melhor interpretação*, houve que consultar de novo os que votaram noutras interpretações para que decidissem o pleito. A êsses membros do Júri de Classificação foram enviados Boletins especiais para proceder ao Segundo Escrutínio, de que resultará o resultado final.

O PROGRAMA DA FESTA PROMETE SER SENSACIONAL

O programa da Festa dos Prémios, que publicaremos no próximo número, será sensacional, a todos os títulos. Desde já podemos assegurar a colaboração de cinco vedetas de grande categoria, duas portuguesas e três estrangeiras. A colaboração dêsses cinco nomes famosos — que lamentamos não poder desvendar desde já — bastaria para assegurar à nossa festa a mais numerosa e escolhida assistência. Mas o facto de, além dêles, figurarem no programa a exibição completa do filme premiado com a Taça, e a projecção das melhores cenas dos filmes onde apareceram as interpretações premiadas, acrescenta ao espectáculo um interêse maior ainda. Além disso, a Taça e as Medalhas serão entregues no palco aos distribuidores que apresentaram o filme e os intérpretes premiados.

Os bilhetes serão pagos. E o produto líquido reverterá para o fundo de previdência do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema.

A COLABORAÇÃO DA EMISSORA NACIONAL

Com a largueza de vistas que a caracteriza a Emissora Nacional, agora dirigida pelo sr. dr. Pires Cardoso, presta à Festa do «Animatógrafo» a sua preciosa colaboração, cedendo o seu elemento mais valioso: a Orquestra Sinfónica, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco, que é um dos membros do Júri de Classificação, e um dos nossos mais notáveis directores musicais de filmes, responsável pelas excelentes adaptações de «Revolução de Maio» e do «Feitiço do Império».

«Animatógrafo» agradece reconhecidamente à Emissora a sua gentileza, e conta com a presença dos seus leitores de Lisboa na grandiosa festa que vai dar.

O CONCURSO DOS PROGRAMAS

•

Não se esqueçam de que é já a partir do dia 1 DE FEVEREIRO próximo que todos os leitores do «Animatógrafo» devem começar a guardar os programas dos cinemas onde forem para poderem tomar parte no GRANDE CONCURSO, com valiosíssimos prémios, que nos propomos organizar no decorrer de êste ano e que se baseia nas MAIS COMPLETAS COLECÇÕES DE PROGRAMAS que forem apresentadas.



A máscara de Victor Mac Laglen torna-o insubstituivel em certos papéis

A personalidade extraordinária de VICTOR MAC LAGLEN

Victor Mac Laglen, actor extraordinário, duma personalidade vigorosa e inconfundível, no famoso «Denunciante» teve aquela criação que era necessária para convencer, um ou outro céptico, que, confundido com a extraordinária diversidade de papéis de tôda a categoria, que lhe têm sido confiados, necessitava dêsse precioso documento que confirmou Laglen actor de alto coturno, digno de nivelar com os maiores da Sétima Arte.

Depois, — temos que o reconhecer! os produtores não curaram muito de colocar o genial comediante em papéis tão importantes como os daquela película, e continuaram a distribuir-lhe figuras de importância restrita com que êles não ganhavam e, muito menos, o artista.

Felizmente que a Nova Universal fez um pouco marcha atrás contra essa lastimável rotina e tratou de contratar o talentoso artista para uma série de criações bem à altura das suas excepcionais qualidades. O primeiro dêsses filmes é «Herói de Ontem», em que, no parecer de alguns críticos americanos, Victor Mac Laglen tem momentos dignos do já mencionado «Denunciante». Pelo menos, o papel que lhe confiaram é dum vigor dramático forte, emocionante, digno do seu intérprete.

Trata-se dum ex-campeão, cuja aura triunfal há muito passou, e que preferiu aplicar o dinheiro ganho no «ring» antes na educação de um filho do que em qualquer negócio comercial que lhe assegurasse o pão da velhice. Aliás, um dos sonhos do pugilista era abrir um restaurante, no género de outros que alguns antigos colegas exploravam.

Mas o amor paterno pôde mais do que o interêsse próprio e, assim todo o dinheiro se foi na educação do rapaz que, dessa forma conseguiu alta posição no meio bancário, mas que ingratamente desprezou o pai porque êste à míngua de recursos, aceitou um cargo de porteiro.

Relacionado com uma menina aristocrática, o rapaz casa-se, ocultando à família da noiva a humildade dos seus. Assim, nem sequer convidou o pai e a irmã para a cerimónia, mas o ex-pugilista, a-pesar-disso, não quis esquecer tal data e, vendendo a sua jóia mais querida o cinto de campeão, com o produto do negócio comprou o presente nupcial. E, depois, escondido entre a multidão, viu, através das lágrimas que lhe molhavam os olhos, o filho sorridente, adulado, feliz. E no seu coração houve apenas orgulho e alegria e nunca reprovação ou rancor pelo ingrato procedimento daquele que tudo lhe devia.

Momento é êste, no filme, que nos recorda os bons filmes dramáticos de Emil Jannings, como «A Tortura da Carne».

Mas a dedicação paterna não fica por aqui. Sabe, tempos depois, que o filho, em atrevidas especulações bancárias, perde o dinheiro que é seu e mais algum que lhe fôra confiado. A prisão, é duma certeza inevitável se o êrro não for imediatamente corrigido. Mas ninguém quere ou pode valer-lhe. É então que o pai, aflito, surge e alvitra a forma de salvar a situação:

Está treinando, para certo campeonato, um jovem pugilista, cheio de qualidades e vigor. Pede ao filho que lhe ceda todo o dinheiro que ainda tem. Aposta-o contra o seu próprio pupilo, certo de que conseguirá, fazendo-lhe ingerir um narcótico, que êle seja derrotado. É decerto uma indignidade, a primeira da sua larga e honesta carreira desportiva, mas só assim pode estar seguro de salvar o filho. Êste arrependido do seu comportamento anterior, aceita e apresenta o pai à espôsa que o censura pelo procedimento usado para com o autor dos seus dias.

Gora-se porém o plano do ex-campeão porque o seu discípulo sai vencedor. Mas, ao mesmo tempo, verifica-se que, por um providencial êrro, a aposta, que salvaria o filho, fôra feita em termos que êles ganham-na largamente para cobrir o débito e, ainda para realizar o sonho querido do «Herói de Ontem»: Abrir o tal restaurante dos seus sonhos...

Tal é o tema em que Victor Mac Laglen na figura de velho, mas ainda robusto, pugilista, tem uma criação dominante, vigorosa, sóbria e expressiva ao mesmo tempo.

Convencidos de que os nossos leitores muito lògicamente nem só aos galãs esbeltos dedicam as suas simpatias; certos de que as nossas leitores acreditam que o talento é forma de beleza tão admirável como a perfeição física, aqui lhe deixamos, muito sinceramente, êste convite que todos os cinéfilos de lei compreenderão: Consagrem a actores, como Victor Mac Laglen o apreço a que êles tem jús. Não faltem a filmes como o «Herói de Ontem» que, por estes dias, «Filmes Alcântara» apresentam nos cinemas Odéon e Palácio, acompanhando a comédia de Baby Sandy, «O Pai da Criança».

E, a propósito dessas duas películas se estrearem juntasí recordamos que tal se dá apenas, como já aqui foi exposto, porque a insuficiência de metragem, mas não de valor, não consente que qualquer delas, nos citados salões se estreiem, em programas simples, como, aliás, pelos seus méritos permitiriam.

JOSÉ SENA



Em «Herói de Ontem» (Ex-Champ), que Filmes Alcântara apresentam no Odéon, Victor Mac Laglen tem uma das suas criações mais curiosas

Se vai ao cinema há 10 anos ou mais, inscreva-se no «Clube do Animatógrafo»

A inscrição é GRATUITA. Basta escrever um postal para a Rua do Alecrim, 65, Lisboa, indicando o NOME, a PROFISSÃO, a MORADA e declarar que vai ao cinema há, pelo menos, dez anos, desde 1930

PANORÂMICA

O Cinema na «Enciclopédia»

É já sabido de todos os que se interessam pela cinematografia que o artigo «Cinema» é dos mais descurados em dicionários e enciclopédias, mesmo estrangeiros, revelando os lexicologistas a seu resepeito uma ignorância pouco tranquilizadora quanto à competência das restantes informações ignoradas por nós, e que nêles se procuram. Só conhecíamos até aqui dois razoáveis, e um excelente: razoáveis os do «Dictionnaire Encyclopédique Quillet» e o do «Larousse Industriel»; excelente o da «Encyclopaedia Britannica».

Pois orgulhamo-nos de verificar que a «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira» tratou o vocábulo com a consideração e o desenvolvimento implícitos, sistematizando-o e redigindo-o convenientemente.

Ao engenheiro Paulo de Brito Aranha, ao nosso colaborador Fernando Garcia, autores do texto e aos editores queremos dar desde já os nossos parabens, mesmo antes de procedermos à análise demorada que do artigo nos parece interessante fazer nas páginas do «Animatógrafo».

Círculo Eça de Queiroz

Realizou-se na passada sexta-feira a primeira sessão cinematográfica, exclusivamente reservada aos sócios e suas famílias, promovida pelo Círculo Eça de Queiroz. O programa, escolhido pela direcção, compreendia a excelente comédia francesa «Fui uma Aventureira», com Edwige Feuillère, um desenho animado de Walt Disney e um «Jornal Português» da SPAC, da série especial das Comemorações Centenárias.

«Animatógrafo» não pode deixar de assinalar o interêsse que em relação ao cinema assim é manifestado por um dos círculos mais fechados e mais prestigiosos de Lisboa.

E aproveita para revelar aos seus leitores um facto ignorado da biografia queiroziana, facto que foi comunicado pelo director de «Animatógrafo» na referida sessão, pois lhe coube apresentar o filme aos seus consócios:

Eça de Queiroz foi um dos primeiros espectadores do cinema, pois assistiu, a 28 de Dezembro de 1895, à sessão nas caves do Grand Café!

A informação foi-nos dada por seu filho Alberto Eça de Queiroz, já falecido. E o autor da «Ilustre Casa de Ramires» foi também um dos primeiros cinéfilos, pois ao seu espírito moderno e à sua inteligência lucidíssima não escaparam o alcance do prodigioso invento dos Irmãos Lumière.

Fred Neto †

Surpreendeu-nos brutalmente a notícia da morte de Fred Neto, artista plástico de grandes qualidades, sócio do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, pois fôra decorador de alguns filmes portugueses, entre êles «Os Fidalgos da Casa Mourisca», e amigo entusiasta da cinematografia.

Camarada dos melhores, o seu falecimento prematuro impressionou dolorosamente todos os seus amigos, que eram muitos, e muitos dos quais trabalham neste jornal.

Fred Neto preparava com muito entusiasmo o argumento e a planificação dum filme português, de reais condições de agrado, «Doca 13», de que o nosso camarada Mota da Costa estava escrevendo os diálogos.

Também se deve a Fred Neto uma das raras tentativas portuguesas de desenhos animados: «Viagem à Lua», um filme de publicidade exibido em 1928 no Central.

O CINEMA e a língua portuguesa

Brindou-nos a Academia das Ciências de Lisboa com mais uma valiosíssima contribuïção sua para as comemorações do Duplo Centenário: o «Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa», volumoso repertório de palavras cuja utilidade seria ocioso enaltecer, pois pela primeira vez aparecem escritas com a grafia que os portugueses mais autorizados na matéria consideram a melhor para o nosso tempo.

É claro que não faltarão filólogos que o discutam; a nós cumpre-nos apenas louvá-lo, pois nos presta o altíssimo serviço de pôr têrmo a discussões cotidianas em que todos nós metíamos, tranqüilamente, a nossa colherada, ao abrigo seguro da confusão reinante, fruto da discórdia manifesta entre todos os dicionários, vocabulários e prontuários publicados de 1911 para cá. Agora, para nós, é muito simples: vamos ver como lá está e escrevemos tal e qual.

Mas nem só de ortografia vive o homem de letras: se é consciencioso, a legitimidade dos termos que utiliza preocupa-o tanto como a sua escrita.

Para nós, que escrevemos de cinema, tal preocupação tem sido quási angustiosa, pois nunca vieram em nosso auxílio as autoridades competentes. A única tentativa em tal sentido deve-se ao Prof. Dr. Agostinho de Campos, que em 1929 tratou acidentalmente do assunto num artigo de jornal. E dessa indiferença resultaram autênticos vexames, como fôssem o da substituïção sistemática da palavra «filme» pela palavra «fita» em tôdas as palestras que se propunham ao microfone oficial, operação cirúrgica que certa excelente poetisa e dramaturga fazia grande gôsto em praticar. E atirava-se para o éter com esta beleza de hortaliça: «fonofita» em vez de «fonofilme»!

Pois agora já podeis dizer «filme» e «fonofilme» quantas vezes vos aprouvér, senhores palestradores radiofónicos, pois o «Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa» compilado e editado pela douta Academia das Ciências de Lisboa, lá o regista na letra F — ali, que nem um catita!

E não fica por aí a generosidade inteligente da Comissão redactora. O Vocabulário regista cópia de derivados: os substantivos «filmagem» e «filmação» (como se diz no Brasil), o verbo «filmar» e o adjectivo «fílmico». Autoriza «filmador» e diversos compostos com o elemento «fono»: «fonofilmagem», «fonofilmar». Não vem o adjectivo «fonofílmico», mas supômo-lo implìcitamente autorizado.

Regista aínda, oficializando-os portanto, todos os vocábulos derivados de «cinematógrafo» que já figuravam no Dicionário de Cândido de Figueiredo: «cinema», «cinematografar», «cinematografia», «cinematografiar» (que é, quanto a nós, feio e inútil, pois nunca o vimos empregado), «cinematográfico». E acrescenta-lhe mais três precedidos de «fono»: «fonocinematografia», «fonocinematográfico» e «fonocinematógrafo»; o que autoriza necessàriamente a redução «fonocinema» que, aliás, não vem registada no seu lugar, decerto por lapso.

Regista aínda «cinegrafia», «cinegráfico» e «cinegrafista», que é redução duma palavra que também lá não vem: «cinematografista». Mas lá vem «cineasta», e «fotogénico», que já vinha em Cândido de Figueiredo, e «fotogenia», que lá não vinha, bem como «fonogenia» e «fonogénico» que, para os filólogos, aparecem agora como novidades.

Regista-se o elemento de composição «cinemato-», mas repudia-se, ao que parece, o prefixo «cine-»; donde se formaria «cinematófilo» em vez de «cinéfilo». Mas supomos difícil e até nocivo impor a supressão duma palavra já tão vulgarizada, e que um jornalista escrupuloso em questões lingüísticas como Avelino de Almeida não teve dúvida em escolher para título dum jornal que fundou e dirigiu, e que se publicou durante onze anos. Aliás a «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira» regista o vocábulo no seu lugar.

Também não vem «cinefilia» nem os antónimos «cinéfobo» e «cinefobia» que nos parecem, tal como aqueles termos, possíveis e inexpurgáveis.

O elemento de composição «cine-» (que nos parece de admitir desde que se admite «cine» como redução legítima de «cinema», por sua vez redução natural de «cinematógrafo») permitiria a formação legal de «cinecomédia» e «cinedrama», que se utilizam correntemente nos escritos da especialidade. E gostaríamos de ver abonado pela Academia a linda palavra «fotodrama», insubstituível, quanto a nós, para exprimir certo género de filmes.

O Vocabulário regista uma palavra cómoda, que conviria adoptar em cinematografia: «cinematização». Se lá tivéssemos encontrado o verbo «cinematizar», ficaríamos com as melhores palavras para traduzir «découpage» e «découper», evitando a duplicação com a geometria que resulta de «planificação» e «planificar».

Também lá vem «animatógrafo», e «animatográfico» e «animatografar», a-pesar-de tão pouco usado como «cinematografiar».

Mas tudo isto merece mais atento estudo e mais largo espaço. Por isso nos propomos colaborar com quem de direito para tentar conciliar de vez o Cinema e a Língua Portuguesa.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

BALALAIKA



O mais belo e maravilhoso sonho de um grande artista!

Reinhold Schunzel, o grande inovador dos espectáculos musicais, começou a sua vida artística na qualidade de actor, até ao momento em que Ernst Lubitsch, seu amigo de velha data, o aceitou como colaborador. Tornou-se, então, famoso pelas montagens espectaculosas de peças de teatro e de filmes e chegou a ser uma das figuras mais célebres da Europa, no meio artístico.

Refugiado, mais tarde, na América, em breve alcançou fama, sobretudo quando a Metro o contratou para realizar «O TURBILHÃO DO GÊLO». Mas ainda não era êsse o género de filmes com que êle sonhou. A sua concepção de espectáculos musicais era diferente. Schunzel defendia a opinião de que os filmes dêste género devem ser mais movimentados e mais espectaculosos que quaisquer outros. Obteve, então, da Metro, a oportunidade de realizar «BALALAIKA».

O resultado não podia ter sido melhor. «BALALAIKA» foi considerado, em tôda a parte, um espectáculo modêlo, que revoluciona tôda a técnica dos filmes musicais. «BALALAIKA» é, sem dúvida, a mais encantadora materialização do mais belo e maravilhoso sonho de um grande artista.

BALALAIKA ★★★

★★★ **BALALAIKA** ★

ONDE há

VINHO!...

MULHERES!...

E **MÚSICA!!!**

UM novo **NELSON EDDY**

UMA nova estrêla - **ILONA MASSEY**

UM novo género de Espectáculo Musical

UMA nova maravilha do realizador REINHOLD SCHUNZEL

UM novo triunfo cinematográfico da

Metro-Goldwyn-Mayer

CINEMA PORTUGUÊS

«Para quê pensar em fitas?»

ACABEMOS DE VEZ COM ESTA FRASE DE VENCIDOS!

É comum ouvir-se dizer: «Vi ontem um filme tão belo, tão perfeito, tão «certo», que depois fiquei a cismar: «Para que havemos de pensar em fitas, em produzir fitas?»

A frase é vulgar, corrente, de todos os dias. Muita gente a repete, tôda a gente a diz com a ufania de quem faz uma declaração inédita. Mas, se meditarmos bem, a frase sôa falso, porque apenas pretende ser um testemunho da admiração pela obra visada, e nada mais. «Para que havemos de pensar em fitas?» Causa-nos pasmo a interrogação.

Há, na Europa, nações continentais com superfície cinco e sete vezes superior à de Portugal, e apesar disso nunca demos fé de que o nosso país se envergonhasse de ter menos palmos de território do que qualquer outro.

Ai dos pintores se, após um exame de consciência, verificassem não saber pintar como Rafael, ou esculpir como Miguel Ângelo!

O cantador de Setúbal, enaltecido por Junqueiro, calar-se-ia, ruborizado, ao sentir a distância que o separava do mestre parnasiano.

Ravel, segundo essa ordem de ideias, nunca escreveria música porque já existira Beethoven.

E nós não estaríamos aqui a enfadar o leitor com doutrinas de trazer por casa, pelo simples facto de ter existido um prosador como António Vieira, ou um jornalista como Avelino de Almeida.

* * *

Queremos acreditar que a tal frase que nos causa engulhos pretende simplesmente demonstrar, por uma hipérbole, que os «outros» — os americanos — produzem excepcionalmente bem.

Mas exactamente porque êles são mestres incontestáveis da arte mais sedutora da primeira metade do século XX, não vemos razão para desanimar, perder a fé ou o interêsse pela produção cinematográfica nacional. Todos nós temos de nos convencer apenas duma realidade: a de que somos apenas aquilo que somos: Wagner era Wagner, Raimbeau era Raimbeau, o leitor assíduo é o leitor assíduo e Mota da Costa é Mota da Costa.

Nenhum de nós pode sair do círculo da nossa própria vida.

É exactamente depois de ver uma tela de Murillo ou de Velasquez que o estudantinho sente o ímpeto criador e quere, ao debater-se na penumbra da sua incipiente sabedoria, igualar Murillo e aproximar-se de Velasquez.

Quem estudou música trouxe sempre a ecoar-lhe nos ouvidos frases musicais que nunca escreveu e que visavam ingènuamente destronar Puccini ou Berlioz.

Um rapaz de muito boa vontade e de nenhumas letras mostrou-me há dias um manuscrito — um romance — que pretendia certamente deixar na sombra todos os romancistas do orbe. Julgava-se já, talvez, um Dostoiewsky, e no dia imediato mostrou-me uma poesia decalcada em Junqueiro e com que êle parecia dizer-me: «Vê? também faço versos como o autor dos «Simples!»

Só no Cinema, no nosso Cinema, depois de se ver um bom filme, vem a opinião desalentada: «Para que havemos de pensar em fitas?»

Um senhor dizia-me, de olhos no vago:

— Que lhe pareceu o rapaz do «Regresso de Frank James»? O melhor é desistirmos de pensar em cinema!...

E outro, a querer ter graça:

— E que tal achou o da «Rebecca»? Decididamente, fechemos os nossos estúdios e limitemo-nos à condição de espectadores...

* * *

Discordamos.

Entre os muitos defeitos nacionais, destacamos um que se enraizou como um fungo e ameaça a vida da floresta cinematográfica portuguesa: o defeito, o vício — a doença — da imitação.

Nós, com um único estúdio, pessoal ainda não completamente adestrado, sem grandes recursos técnicos, e sem dinheiro, queremos acaso competir com a América?

Pasme-se da pretenção!

Produzir no Lumiar, com oitocentos mil escudos, o que em Hollywood custa um mínimo de dez milhões, é mais difícil, talvez, do que fazer passar o camelo bíblico pelo fundo da agulha!

E querem qualidade igual por preço diferente?

Reflitam uns minutos e mudem de rumo se querem entrar no bom caminho.

A menina X é um encanto, é muito graciosa, tem boa presença e excelente voz. Filme-se a menina X. «Ela há-de ser uma actriz! Vão ver! Tem talento!» Chega-se à projecção e a menina não venceu a Betty Grabble, não destronou a Judy Garland, nem pôde cantar como a Deanna Durbin. E põe-se a candidata à margem. Todavia, a culpa não lhe cabe. Com os cuidados, os mestres e o profissionalismo que envolve as suas jovens colegas de Hollywood — quem nos diz que ela não iria longe? Assim... foi parar perto! Paciência!

Não temos afinidades cinematográficas com a América; não podemos, pois, ter pretenções de colocar o nosso cinema ao nível do seu.

Há características diferentes: são elas precisamente que dão personalidade à indústria cinematográfica.

A Rússia interessou o mundo cinematográfico com os seus filmes que não imitavam qualquer escola ou processo corrente, mas aborreceu-o e falhou no dia em que pretendeu seguir o «modus faciendi» dos americanos.

Nós não devemos imitar. Temos características próprias. A tela há-de ser o espelho de todos os nossos defeitos e das nossas qualidades próprias. Lá nos temos de ver, exuberantes, românticos, melancólicos, tristes, carregando com séculos de história — mas imaginosos, valentes, audaciosos, descobridores de mundos e propagadores de fé!

Renoir disse, no palco do S. Luiz, que o nacionalismo dum filme era, segundo o ponto de vista que apresentava, a condição essencial do seu internacionalismo.

E nós ficamos a cismar que há ainda quem pregunte: «Para quê pensar em fitas»?

MOTA DA COSTA

VER OUVIR... E FALAR

Há quem se mostre um pouco espantado com a insistência com se emprega aqui a palavra «desordem» ao referirmo-nos ao caso do nosso cinema. É assim mesmo. E para que melhor se esclareçam as coisas, aqui fica mais uma vez essa palavra «desordem» que é, indiscutivelmente, a causa da paralisia da indústria cinematográfica no nosso País.

Senão, vejamos. «Desordem» é a síntese que melhor se encontra para definir o quadro do cinema português. E essa desordem verifica-se especialmente nos orçamentos, de modo a nunca se saber onde acaba a aventura e começa a economia industrial. Temos para nós que as contas são, de facto, a base da indústria. Quem planeia e escreve um filme tem de saber perfeitamente o que custa «fazer» e «pagar» o que está a escrever. De outro modo o filme arrisca-se a êste destino inexorável — ou «encalha» ou «encolhe», como diria o Leitão de Barros.

«Desordem» é, pois, a chave de todo o problema do cinema português (e nunca a estafada palavra se empregou com mais propósito) — problema apaixonante e absorvente, a-pesar de tôda a sua complexidade e dificuldade. O cinema é justamente difícil porque um filme tem que fazer-se dentro de um prazo e de um custo estabelecidos de antemão, sob pena de ruína. Exactamente por existir essa desordem, o negócio de cinema para o capitalista é ainda hoje um negócio espantosamente perigoso. Depois, enquanto o nosso cinema não estiver materialmente defendido por uma organização séria da indústria, as obras hão-de ressentir-se de incertezas e as possibilidades de todos os colaboradores não atingirão o seu rendimento máximo.

É a falta de organização, a tão decantada desordem, que faz com que nos nossos filmes haja um exército de injustiças e de desigualdades que convém reparar. Mas não por processos «baratos». Se alguém passar os olhos pelas contas dum filme português, verificará coisas espantosas. Todavia, para remediá-las não nos parece que baste uma simples tabela de ordenados a longo prazo ou a prazo indeterminado — o que ainda é pior...

Se houvesse método e disciplina, — numa palavra, ordem — não se sacrificava a enorme legião de colaboradores de um filme, êsses artífices que ganham em Portugal, desde um quinto a um décimo dos seus colegas lá de fora. Ver-se-ia que há, também, colaboradores que, no nosso País, ganham tanto ou mais que os seus colegas nos filmes estrangeiros. E talvez se resolvesse o caso das tabelas dos músicos estabelecidas pelo respectivo sindicato sem seguer terem sido ouvidos os produtores portugueses de cinema...

Aqui está, por exemplo, um facto que é bem demonstrativo da desorganização industrial do nosso cinema.

E pensarmos nós que ainda existe um grupo de pessoas, verdadeiros «carolas», que trabalham pelo cinema português, com chama, com vontade, e que gostariam de ver coroados de êxito os seus esforços. Sentir-se-iam felizes se a sua campanha para construir e instalar uma indústria, que tem finalidades superiores e alcance cultural transcendente, caminhasse definitivamente para resultados brilhantes.

AUGUSTO FRAGA

A PÁGINA DOS NOVOS

PROTESTO!

Ao escrever estas linhas é meu intento recrutar uma espécie de legião que faça calar certas más línguas — más línguas que se dizem cinéfilas, mas que nós, os verdadeiros cinéfilos, não podemos ter como tais.

Há por aí meia dúzia de meninos e meninas (mas muito especialmente dos primeiros) que por um motivo não justificado e que só poderá ser atribuído a parvoíce e vontade de dizer mal, descarregaram todo o seu pedantismo sôbre Robert Taylor. Podiam contentar-se com a antipatia, pois cada um gosta de quem muito bem lhe apetece; mas não! atiram-lhe também com ditinhos irritantes e estúpidos, bem pouco próprios de alguém que se preze, como êstes: menino bonito, ameninado, e outros epítetos não muito próprios de serem mencionados aqui.

Agora pregunto uma coisa: Por que razão fazem isto? Julgo que êsse actor não é digno de ser assim tratado. Eu sei que tudo isso é devido ao seu físico excessivamente belo — mas reparem numa coisa: peguem numa boa fotografia de Taylor e vejam-na com atenção. Vêem, é certo, as suas feições bem talhadas, finas e, digamos mesmo, bonitas; mas vêem também uma expressão o mais viril, o mais máscula possível. Se querem ficar mais certos do que lhes digo, vejam os seus filmes, desde o primeiro «A história dum ladrão» (da série «Crime e Castigo») ao último «A Dama dos Trópicos».

Querem-no mais másculo ainda? pronto a fazer calar aquêles que o troçam? Vão ver «A Multidão vibra»!

Essa atitude dêsses meninos desgosta-me, a mim fervoroso cinéfilo da velha guarda. Não compreendo que se rebaixe assim um actor tão cinematográfico, que tão boas provas tem prestado. Reparem que não exagero: Robert Taylor já trabalhou com a Garbo — e isto diz alguma coisa...

Antes de terminar quero dizer-lhes o seguinte: Não julguem que tenho preferência por Robert Taylor e que apenas escrevo todo êste latim para defender o meu «ídolo». Não, não tenho preferências; aprecio tanto a flexibilidade de Fred Astaire como a fascinação da Lamour ou as maluquices dos Marx.

Agora peço-lhes uma coisa, verdadeiros cinéfilos como eu: quando ouvirem os ditos desagradáveis dêsses meninos — protestem! protestem! protestem sempre!

EELZNAY

Analizando algumas criações de BASIL RATHBONE

Um dos actores que nas últimas épocas mais tem chamado a atenção do público cinéfilo é, sem dúvida, Basil Rathbone. O apreciado actor inglês não teve o que se chama uma carreira fulgurante, nem é daqueles que chegaram, viram e venceram.

Os degraus do triunfo e da fama têm sido por êle pisados com certa lentidão, mas com segurança.

No entanto, tenho a impressão que quando apareceu entre nós no papel de Tibaldo, de «Romeu e Julieta», o público lhe fixou imediatamente o nome. O seu porte enfatuado, o cinismo das suas falas e talvez ainda pelo mal que da sua pérfida acção (no argumento, é claro) resulta para os protagonistas, tudo concorreu para que o público fixasse a figura do grande actor.

Um personagem único deixa sempre o público mal disposto com o artista. Logo a seguir, porém, tivemo-lo num personagem interessantíssimo, no «Jardins de Allá», um chefe árabe.

E surge-nos depois numas das suas maiores criações: «A vivenda trágica».

Compreendi então quão grande actor era Basil Rathbone. Que matrabalhos e canseiras não lhe teria dado o estudo de tal personagem, absolutamente repelente e antipático ao espectador. As suas atitudes patéticas, por vezes tocando as raias do ridículo, as bruscas mudanças que imprimia ao modo de representar, impuzeram-no, definitivamente.

Anteriormente a estes filmes apareceu já em «Barreiras sociais», «David Cooperfield, etc....

Na época passada, apareceu-nos ainda como «secundário» num filme que foi apresentado entre nós com atrazo: «Duas idades».

Gostei, a valer, do seu «Marquês de Saint-Eremond». Revela-se o actor no afeminado que dá ao personagem, o pedantismo dum fidalgo do tempo de Maria Antonieta.

Como sabem, até ao reinado de Luiz XIV o «Rei-Sol», os costumes eram o mais viris possível; comia-se com as mãos; achava-se imensa graça a um senhor que no meio do mais fidalgo jantar apanhava uma mósca e a deitava no prato do parceiro, etc....

Fundaram-se então os «Salões literários», destinados a educar, a civilizar os costumes e gestos da fidalguia.

Conseguiu-se o objectivo, mas foi-se longe demais: caiu-se no extremo oposto. Os salamaleques, as cortezias, tudo nos fidalgos era afeminado e, observado do século XX, muito ridículo.

Basil Rathbone estudou com entusiasmo o seu papel e o seu fidalgo à Luiz XV» saiu na perfeição.

Surgiu-nos depois criando Sherlock-Holmes; e o seu britânico detective saíu também duma perfeição inexcedível, ultrapassondo todos os anteriores intérpretes da célebre criação de Conan Doyle.

Vimo-lo na última época, também, no «Filho do Frankenstein», desempenhando o papel dum médico que para cumprir o testamento paterno, tenta «fazer» uma nova raça e que a fôrça das circunstâncias leva a ressuscitar um monstro criado por seu pai.

A cena do terror, em que se vê sòzinho com o monstro, as cenas do terrível nervosismo final, chegavam para impô-lo.

Tivemo-lo agora, ultimamente, em «Pela glória do império». O seu talento excepcional ultrapassa o próprio filme. Pôs tôda a sinceridade, todo o seu ardor e até todo o seu patriotismo, na criação dêsse típico personagem inglês, encarnação perfeita do cidadão britânico.

Aguardemos as suas próximas criações com interêsse. A sua presença num filme vale o dinheiro do espectáculo.

ARMINDO BLANCO

CORREIO DOS NOVOS

DR. BOBINE. — *Um jornal moderno, como o nosso «Animatógrafo», é incompatível com gazetilhas em verso. Faça uma espécie de «Lusíadas» do Cinema, se fôr capaz, e depois apareça...*

POETA CAMARADÃO.—*Leia a resposta ao Dr. Bobine e ficará conhecendo a nossa opinião sôbre versalhadas cinéfilas. Mas o seu entusiasmo pelo cinema garante-lhe a nossa simpatia — e o nosso aplauso.*

DELGADO. — *Os «títulos ilustrados» são um exclusivo do nosso colaborador Lemos. Os que mandou têm graça, mas estão mal desenhados. Além disso, referem-se a filmes que, para a actualidade que «Animatógrafo» procura manter, já são antigos.*

XANDA. — *Outro «título ilustrado» que não podemos publicar,*

(Continua na pág. 18)

A-propósito-de Carmen Miranda

Foi um grande acontecimento musical e cinematográfico, a vinda do filme «Sinfonia dos trópicos», que nos revelou na tela a figura maliciosa de Carmen Miranda.

O enorme reclame sôbre êste filme, uma semana de lotações esgotadas e a crítica, fizeram-me «crescer água na bôca» e, curiosa, preguntando a mim mesma que tal seria o filme, comprei uma plateia para o Tivoli e dispuz-me a admirar a tal «obra prima».

Fui e gostei. Gostei não só pelo enrêdo, pelo admirável colorido e pelo desempenho de Don Ameche e Betty Grable, mas também, e principalmente, por ter visto Carmen Miranda.

Realmente, a graça e o encanto, que parecem irradiar dela, a malícia dos seus olhos negros e a mímica das suas mãos fazem-nos ficar maravilhados.

Pode dizer-se que Carmen Miranda conquistou o mundo. E o mais surpreendente é que o conquistou cantando apenas 3 sambas.

É para nós, portugueses, motivo de orgulho, sabermos que uma portuguesa de nascimento está actuando na Meca do Cinema ao lado de alguns dos melhores artistas.

De tal maneira foi o êxito, que a Fox, agradada, a contratou para actuar num novo filme denominado «Rings on her fingers» e que terá mais uma vez, como parceiro Don Ameche.

Não sei, nem ninguém ainda o sabe, se êste novo filme terá o êxito de «Sinfonia dos trópicos». Esperemos que sim, pois uma artista que logo no seu primeiro filme consegue ter o nome no «cast», figurando ao lado dos dois principais artistas, é impossível que falhe depois dum êxito tão grandioso.

Por estas minhas palavras não deduzam que o filme tem apenas a valorizá-lo a presença de Carmen Miranda. Não. Ali tudo nos agrada, desde o maravilhoso bailado dos dois negros, até à música, que é simplesmente encantadora. De tal maneira, esta, caíu no «gôto» do público, que por tôda a parte só se ouve cantar tôdas as admiráveis canções dêste filme.

Se querem um conselho desta vossa amiga, vão ver «Sinfonia dos trópicos».

Vão ver e não se arrependerão.

Vão ver e tenho a certeza que como me aconteceu a mim vocês virão a trautear, pelo caminho, o «Down argentine way».

MARIA HELENA

UM GRANDE ÊXITO TEATRAL REVIVE NO CINEMA

«NO, NO, NANETTE»

UM NOVO E BELO PAPEL DA R. K. O. PARA A LINDA ANNA NEAGLE





Entre todos os trabalhos duma grande fita — o maior é escolher a vedeta. Em «NO, NO, NANETTE», todavia, foi o mais fácil: depois do extraordinário êxito de «Irene», ANNA NEAGLE era a estrêla que se impunha e que o público queria.

Uma fita, em qualquer parte do mundo, é uma obra que exige grande preparação, feita através dos mais diversos trabalhos por centenas de obreiros, alguns dos quais até nem têm a exacta noção do lugar que vai ter no filme a tarefa de que foram incumbidos. Dezenas de cabeças comandam centenas de vontades para cumprirem milhares de ordens que visam satisfazer os milhões de espectadores que vêem um filme.

Quando êste é feito na América e, dentro da América, num grande estúdio duma companhia de grande classe, dado o cuidado de pormenor e o luxo com que tudo é feito, os trabalhos dobram e redobram.

Sempre que um cavalheiro tem a ousadia de, tranquilamente sentado na plateia, fazer crítica ligeira duma fita é porque ignora totalmente quantos trabalhadores se mobilizaram e os quebra-cabeças que, vezes sem conto, êles tiveram.

Tomemos ao acaso alguns exemplos que se relacionam com uma das maiores produções americanas dêste ano: «No, no, Nanette».

Um pintor pinta um quadro

Mc Cleland Barclay é, provavelmente, o mais notável pintor de beleza feminina na América contemporânea. Certo dia foi chamado a Hollywood para retratar um dos melhores modelos que lhe podiam apresentar escolhendo entre tôdas as mulheres formosas do Cinema: Anna Neagle. Herbert Wilcox, célebre realizador-produtor da Rádio-Filmes era o autor da encomenda: queria uma grande tela, pintada com todos os apuros de Mc Cleland, para desempenhar importante papel no seu próximo filme.

O grande pintor americano, durante oito dias, não saiu do estúdio, tomando apontamentos, aproveitando todos os intervalos do trabalho de Anna Neagle. Ao cabo duma semana, a grande vedeta inglesa foi chamada várias vezes para «posar». E um dia Mc Cleland deu o trabalho por acabado. Estava pronto um «pequeno nada» da grande fita «No, no Nanette».

Resolve-se um grande problema

Meses atrás ,o mesmo Herbert Wilcox, sentado no seu gabinete de trabalho dava voltas e reviravoltas a dezenas de argumentos que tinha na sua frente. Precisava fazer uma fita musical, para empregar como mereciam todos os talentos que Anna Neagle revelara em «Irene». Folheou livros e páginas dactilografadas, deu ordens à sua secretária para lhe trazer dos arquivos todos os recortes de jornais e apontamentos referentes a futuras produções.

Durante semanas procurou êle e os seus auxiliares. Um dia caiu-lhe sob os olhos um anúncio que falava duma peça que na Brodway dera 321 representações e 665 em Londres: chamava-se «No, no, Nanette». Wilcox escolheu-a. Vencera-se outro «pequeno nada»: o primeiro passo duma grande produção.

Os progressos da T. S. F.

Engenheiros e laboratórios trabalham todos os dias, desde há anos, aperfeiçoando a T. S. F. Devido a êles as casas fabricantes conseguiram apresentar no mercado pequenos receptores portáteis. Êsse facto que parecia não se relacionar nada com uma fita foi aproveitado pelos publicistas da Rádio-Filmes que espalharam pelas ruas de Nova York dezenas de pessoas com pequenos aparelhos a transmitir a deliciosa música de «No, no, Nanette». E com estas e outras ideias se resolveu um outro «nada» duma grande fita: a publicidade.

Uma ambição de Roland Young

Roland Young, tão popular entre nós desde as aventuras do «Par Invisível», já entrou em mais de duzentos filmes, desde que chegou a Hollywood, há cêrca de oito anos.

Desolado, passou todo êsse tempo lamentando-se de nunca ter feito, perante a objectiva uma única cena de amor. «Começo a pensar, dizia êle volta e meia, que os produtores não me consideram um tipo romântico».

Pois, ao fim de oito anos, teve em «No, no, Nanette» farta compensação: além de se ver metido entre os carinhos duma formosa sobrinha (Anna Neagle) e duma ciumenta espôsa (Helen Broderick) Roland Young é «amado» por nada menos de três beldades: Eve Arden, Tamara e Dorothea Kent.

A sua acertada escolha para um dos principais papéis do grande filme musical além de constituir um importante factor de êxito satisfez êste «pequeno nada»: uma ambição de oito anos, suportada heròicamente por um dos maiores actores cómicos de Hollywood.

Um trabalho difícil

Trabalho extraordinàriamente difícil e muito menos agradável do que à primeira vista parece é o de escolher entre as «girls» de Hollywood, as cem mais bonitas. Trabalho quási impossível, se pode dizer... Pois foi preciso, um dia por ordem de Wilcox.

Tamara, a grande bailarina, assinara contrato com a «Rádio-Filmes para um dos mais importantes papéis de «No, no, Nanette». Wilcox queria as melhores e mais formosas «girls»

(Continua na pág. 18)

UMA CARTA DE ANTERO FARO

a propósito do Cheque de «MISTER SMITH GOES TO WASIHNGTON»

Meu caro Alberto Armando Pereira:

A publicação da «vera efígie» do seu cheque foi um cheque-mate *para muita gente. Para mim — depois de lidas e relidas as considerações que a acompanharam — não foi mais do que a sublimação dum acto de inteira justiça...*

Ora como a justiça não se agradece, não são de reconhecimento as minhas palavras, pelo contrário, são de protesto contra a negra injustiça de tão magro prémio para rasgo de tanta esperteza!...

Depois, meu caro Alberto Armando Pereira, temos que ver as coisas como elas são, porque isto de crismar um filme de Capra nestas circunstâncias é trabalho de muita monta, que acarreta atrás de si um cortejo de canseiras, desespêros, aflições e outras complicações.

Quer saber porquê?

— A Aliança Filmes lançou o concurso no dia 2 de Dezembro — há precisamente 34 dias. Acto contínuo, isto é, logo após a leitura do «Animatógrafo» dêsse dia, comecei a congeminar e como não há congeminação possível sem um cafézinho à vista (não se esqueça que o café é a hippocrene da moda) era ver os escudos a «voar» à medida que a bebida se «evaporava»... Foi um despesão tremendo porque o génio, como a inspiração, só se concretiza quando calha e desta feita tardou muito em calhar. Como conseqüência lógica da ingestão de tanto café, sobreveio-me uma tremenda insónia que durante uma semana me obrigou a passar tôdas as noites à vela, como qualquer marujo perdido no mar, em dia de borrasca.

A publicação da minha carta foi como que a luzinha bruxuleante dum farol a iluminar tìmidamente a minha rota... Mas isso não impediu que continuasse «à vela» e «à brocha», alternando a dúvida com o receio, não fôsse outro bater-me ao «sprint».

Até que, depois de arrazado meu pobre coração com tantas emoções e tanto café, a vitória veio, finalmente, cair-me nos braços como única compensação da minha «resistência» aos tremendos «ataques» de mil rivais, compensação tanto mais justa quanto é certo que, actualmente, a arte de resistir *ganhou prerogativas de heroísmo.*

Se com aquele critério inteligente e prático que o caracteriza, transmudar todos estes sofrimentos e angústias para o campo do «deve e haver», você concluirá que, afinal, a Aliança Filmes ainda me ficou a dever *muito do pouco que tenho a* haver...

O êxito nunca vem desacompanhado, assim, mal me fôra dado o grato prazer de me remirar sob os loiros da vitória, caíram sôbre mim uma chusma de «conhecidos» para me darem os parabéns e a convidarem-me *para tomar alguma coisa...*

E lá se foi tudo em cálices de ginjinha, de «cognac» ou vinho do Pôrto, consoante a categoria dos meus «admiradores». O que mais me aborrece, porém, é que estes marotos, depois de liquefazerem *o cheque de 500, passando-o ao bucho em copinhos de 2 ou de 3, ainda se atrevem a espalhar que eu sou um rapaz cheio de sorte!*

Aqui têm a infortunada odisseia do afortunado vencedor do concurso promovido pela Aliança Filmes, odisseia esta cuja expressão comercial poderia ser assim:

Documento n.º 1	
Pago pela compra de 136 chávenas de café, bebidas em 34 dias e à razão de 4 por dia, incluindo gorgeta	136$00
Documento n.º 2	
Pago por 3 frascos duma droga qualquer para conciliar o sono e afuguentar as insónias ...	127$00
Documento n.º 3	
Pago por 19 copinhos de 2 e de 3 decilitros a igual número de «admiradores» sem importância	6$55
Documento n.º 4	
Pago por «2 rodas» de ginjinha a 17 amigos de meia tijela	34$00
Documento n.º 5	
Pago por 11 cálices de cognac, 7 de vinho fino do Pôrto e 9 sandwiches de chouriço para uns tantos senhores de muita importância	105$00
Documento n.º 6	
Pago por um frasco de digitalina para o coração e por um frasco de magnésia bisurada para aliviar os males de um estômago combalido por tanta mistura	72$50
Total	481$55

Os restantes 18$45 sumiram-se ser dar pio nas mudas e herméticas caixas das cabines telefónicas e nos carros eléctricos — êsses amigos dos diabos que são quem mais se compraz em nos levar tôdas as «corôas» e todos os meio-tostões...

Aqui tem onde foram parar os 500 «paus»!

O que vale é que Você ao delinear o concurso certamente deitou contas à moda do Pôrto. Ora é justamente contra êsse critério que eu me insurjo. Deixe-se de brincadeiras e mande já os outros 500 «paus» porque aqui, em Lisboa, não são de admitir contas do Pôrto...

6-1-941.

ANTERO FARO

O CINEMA COLABORA COM A CIÊNCIA

Como JAN KIEPURA recobrou a voz devido aos estudos cinematográficos do DR. PRESSMAN, ex-marido de Claudette Colbert

Uma entrevista magistral concedida pelo DR. ANTÓNIO DA COSTA QUINTA ao nosso colaborador CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

O nosso amigo dr. Abel Alves, enroupado numa ampla bata branca que nos recorda um grande e amável menino saudável, disse-nos:

— Procure você o meu colega dr. António da Costa Quinta. Andou pela América do Norte, conhece o caso e é um rapaz muito inteligente e amável.

Assim fizemos. O dr. Costa Quinta é um novo. Franco, claro, disse-nos:

— Utilizando a cinematografia que nos ultimos anos alcançou um extraordinário desenvolvimento, com freqüência sempre crescente, os médicos e os cirurgiões de todo o mundo, estimando-a um esplêndido auxiliar, a ela têm recorrido, umas vezes, com objectivos didacticos, outras, com desígnios puramente especulativos e ainda, não raramente, com o desejo de fixar certas imagens que autorizarão o estudo fiel e detalhado do órgão ou órgãos que reproduzem e, principalmente, o seu estudo comparativo ulterior.

Num ano, 567 conferências médicas, com filmes, nos Estados Unidos

— Nos Estados Unidos é que deve ser maior o número de ensaios médicos cinematográficos...

Manifestamente, como seria lógico pensar, é na América do Norte, o país onde a arte cinematográfica adquiriu maior incremento, que à cinematografia mais vezes tem sido pedida a sua colaboração pela ciência médica com o intuito da realização prática dos propósitos referidos. Para avaliarmos da importância que naquele país lhe é hoje atribuída, parece-nos suficiente dizer que durante o ano de 1939, 567 das conferências patrocinadas pela «American Medical Association» foram ilustradas com filmes cinematográficos. Podemos afirmar, com segurança, que, pràticamente, todos os ramos das ciências médico-cirurgicas a ela têm recorrido.

O cinema sonoro ao serviço da laringe

— ?...

— Seria ilógico, para não dizer incoerente, se uma especialidade como a nossa que se ocupa das doenças localisando-se ao nível do nariz, ouvidos e garganta desprezasse tal método que em certos casos deve, mesmo, ser encarado, como um verdadeiro «método de investigação científica». É-nos grato, porém, verificar que, contràriamente, esta especialidade médico-cirúrgica dêle se tem socorrido amiudadas vezes.

O dr. Pressman, marido até há pouco de Claudette Colbert, produziu o primeiro filme sôbre a garganta

— No que respeita a êste último género de trabalhos, isto é, trabalhos de investigação científica empregando a cinematografia como método, fácil lhe é, doutor, certamente, citar alguns que sem favor poderão ser classificados de notáveis?

— Sem dúvida. Do estudo cinematográfico «in vitro», levado a efeito por Proetz, professor da Washington University, dos movimentos dos cílios vibráteis do epitélio da mucosa de revestimento das vias respiratórias, resultaram importantes e novas concepções sôbre o diagnóstico e o tratamento das diferentes doenças dos órgãos que por essa designação comum são conhecidos, isto é, das fossas nasais, da traqueia e dos bronquios.

— ?...

— Mais notáveis ainda, são os novos conhecimentos com que Joel Pressman, laringologista do Cedars Lebanon Hospital de Los Angeles e, por coincidência, marido ainda há dois meses da conhecida actriz de cinema Claudette Colbert, enriquece a laringologia, mostrando-nos, num magnífico filme colorido (que a sua extrema amabilidade levou a exibir expressamente para mim), tôda a mecânica dos movimentos intrinsecos da laringe. Nele pode-se apreciar, além doutros minuciosos detalhes, o mecanismo da produção, pelos movimentos vibratórios das cordas vocais, dos vários sons musicais. Informes valiosíssimos e cujo interêsse na prática laringológica é duma extensão bem fácil de imaginar. Eis, um exemplo da importância de tal estudo que tivemos ocasião de ouvir referir ao próprio dr. Pressman. Um dos mais conhecidos cantores que freqüentemente ouvimos nos filmes ou nas emissões rádio-difundidas pelas estações nor-americanas, Jan Kiepura, após ter sofrido uma pequena operação endolaringea, apresenta-se um dia na consulta daquele ilustre médico, queixando-se da impossibilidade absoluta de continuar a cantar e, portanto, sob a ameaça de ser obrigado a abandonar completamente a sua profissão. Uma vez a observação do doente terminada, em face dos conhecimentos fornecidos pelo seu filme sôbre o mecanismo da produção dos sons, Pressman não hesita em garantir ao doente que poderá voltar a cantar com a eficiência anterior, apesar da alteração da estrutura anatómica que a intervenção sofrida havia determinado ao nível duma das cordas vocais. Essa opinião fundamentada nos dados fisiológicos proporcionados pelo estudo cinematográfico da laringe nunca a teria arriscado sem a existência do filme. Aconselhou, portanto, o doente a modificar a altura da escala musical em que habitualmente cantava e isso foi suficiente para permitir às cordas vocais um funcionamento quási normal, para não dizer completamente normal. O doente seguiu os seus conselhos e, em breve, retomou a sua actividade.

Ainda mais um caso em que a cinematografia pode prestar, como tem sido demonstrado, um grande auxílio à otologia. Queremos aludir ao importante papel que ela desempenhará no estudo analítico atento das reacções vestibulares, isto é, das reacções do aparelho do equilíbrio, quer fixando as posições do corpo dos animais submetidos a múltiplas experiências, quer permitindo a tradução gráfica de reacções limitadas a certos órgãos.

— Que me diz, dr. Costa Quinta, aos efeitos auditivos sôbre a massa geral do público?

— Quanto às relações entre o cinema sonoro e a função auditiva, isto é, a interferência útil ou prejudicial que o primeiro pode ter sôbre a segunda, contràriamente ao que acontece entre a cinematografia e a função visual, não são ainda hoje do nosso conhecimento, pelo menos sob o aspecto que poderemos chamar somático. Evidentemente, sob o ponto de vista psíquico essas relações existem e, sem dúvida, já devem ter ocupado os psicólogos e os psiquiatras. A êles caberá pronunciarem-se sôbre tal assunto.

A reeducação dos surdos pelo cinema sonoro

— E os surdos?

— Estamos absolutamente convencidos que o cinema sonoro, no futuro, poderá desempenhar um importantíssimo papel na reeducação dos surdos, principalmente, para a administração do ensino da leitura, dita, sôbre os lábios. Desta forma, poderá talvez evitar-se maiores tristezas a quem já está condenado a viver na tristeza de não ouvir e que, a acreditar na sinceridade posta por BERTHE G. DE CALLONE, cega aos 19 anos e surda aos 32, numa das suas poesias, é terrìvelmente pior do que não ver:

SURDITÉ

Si j'étais seulement une aveugle,
[j'aurais
Si peu le sentiment de l'ombre!
Par les mains, par l'oreille et
[l'âme, j'y verrais
Si j'étais seulement une aveugle.
[Ah! j'aurais
Ignoré la surdité sombre.

C'est cette surdité surtout qui
[fait ma nuit
Aux jours de triste somno-
[lence,
Lorsque l'obsession du regret
[me poursuit.
C'est cette surdité surtout qui
[fait ma nuit
Et m'isole par le silence.

(Conclui na página 18)

O CINEMA valoriza a LITERATURA?

Responder cabalmente a esta pregunta será fazer um tríplice estudo crítico das possibilidades de duas artes, a literária e a cinematográfica, e ainda da dimensão estética que resulta da fusão das duas.

Já dissemos: o subtilmente angustioso da atmosfera, poética de certas obras literárias encontra no Cinema magnífica expressão, valorização essencial.

Mas se a riqueza de sugestão e a inesgotável fonte de emoção, que é o verdadeiro Cinema, pode servir excelentemente a literatura, não nos parece menos exacta também a afirmação de que aquela é capaz, pelas suas mil capacidades inominadas, de trazer novas seivas à sétima arte, quintessenciando — se me consentem a expressão — a sua possibilidade de contar com interêsse e novidade um argumento original.

Repugna à inteligência crítica admitir que um realizador de talento — que deve ser sempre alguém de rara sensibilidade — não seja excitado no exercício da sua própria actividade criadora pela beleza literária imanente para o Cinema, e isso transporta para o Cinema, e isso se não reflita lùcidamente na sua obra.

Aliás é essa,a meu ver, a principal virtude do Cinema quando põe em cena uma obra de arte literária,

Depois, a vivificação conseqüente dêsse «processus» anima-a dum fulgor novo que só prestigia e favorece a literatura.

Esta se me afigura a razão por que quási sempre as grandes obras literárias, quando adaptadas ao Cinema por grandes realizadores, nos parecem melhores.

Mas o Cinema ainda é capaz de outros «trucs» quando se ocupa da obra de arte literária. Como Cupido, tem muitas setas na sua aljava. É capaz, por exemplo, de fazer dum mau romance um bom filme: subordinando o principal ao secundário, ou vice-versa, conforme o que no romance verdadeiramente interessa e tem relêvo.

Vimos recentemente o «Monte dos Vendavais» e «Rebecca». Vamos ver daqui a pouco tempo «Gone with the Wind». Naqueles dois filmes, e neste último, creio eu, se encontram exuberantemente demonstradas as capacidades do Cinema em relação à obra de arte literária.

Quer se trate, com efeito, de ficção poética, sugestão romântica dos títeres da vida, ou ainda tão sòmente comovida evocação, sempre o Cinema acha formas novas e singulares de nos transportar a êsses diversos estados de alma.

A sua capacidade de insinuar, de criar vida interior, é inegàvelmente maior em grau e intensidade do que a mesma aptidão em alguns escritores, a qual, diga-se por ser verdade, só se encontra raramente e em pouquíssimos.

Por outro lado, o hábil contra-ponto, inegável alcance da dialética cinematográfica, permite à sétima arte exprimir claramente muita coisa que o escritor, muita vez, mal consegue articular.

Para mim, que tôda a vida tenho feito crítica literária, é portanto um prazer poder afirmar a minha confiança nas inesrauríveis possibilidades literárias do cinema.

ALVES DE AZEVEDO

UMA CARTA DE HOLLYWOOD PARA MARIA DOMINGAS!



Sempre que «Animatógrafo» garante que os menos fervorosos partidários do Cinema Português são, exactamente — e lamentàvelmente — os próprios portugueses (povo constituído por sete milhões de críticos, segundo o último recenseamento), tem a certeza de falar verdade.

Damos hoje à estampa uma prova indiscutível do interêsse que uma artista nossa consegue despertar além-fronteiras e — o que é mais — no país fabuloso do cinema, nos próprios Estados Unidos da América do Norte: uma carta enviada a Maria Domingas, vedeta do «João Ratão», com o carimbo de Hollywood! *(Não o sublinhamos por saloísmo próprio, pois estamos habituados a recebê-las de lá, mas para deslumbrar o saloiismo dos mal-dizentes, e dar um argumento de pêso aos nossos entusiásticos partidários — porque ainda os temos, graças a Deus).*

E o remetente é de-certo um admirador desinteressado, pois nem sequer conhece o nome do nosso estúdio. Pôs apenas: Portugal Motion Pictures Studios, *o que significa* Estúdios Cinematográficos de Portugal. *O nosso correio, sempre diligente, é que escreveu a lápis:* Tobis — Lx.ª Norte. *E a carta lá foi parar à Quinta das Conchas.*

«Animatógrafo», porém, tem olhos, e ouvidos... e mãos em tôda a parte onde se trata de filmes. E a referida carta, antes de chegar às mãos da destinatária, fez um pequeno estágio na nossa redacção e nas oficinas do nosso gravador.

Como não quisemos cometer a indiscrição da abrir, só não podemos informar os leitores do conteúdo da carta. No entanto, simples pedido de fotografia ou proposta de agente (quem sabe?), a carta prova o que pretendemos provar: que o nosso cinema e a sua gente não é tão insignificante que não possa interessar mesmo aqueles que vivem na capital das imagens, entre as estrêlas de primeira grandeza.

A GALERIA DO «ANIMATÓGRAFO»

Este número inclue dois Retratos-Brinde que não podem ser vendidos separadamente, e que todos devem exigir aos vendedores dêste jornal.



Mischa Auer encontrou êste processo comodíssimo de «arrumar» o adorável Baby Sandy. E êle parece que gosta.

BABY SANDY

o actorzinho (?) que se estreou com 11 meses de idade, vai aparecer em nova comédia:

O PAI DA CRIANÇA

Pode-se dizer que desde que o Cinema existe, as crianças-artistas smpre, mais ou menos, para encanto das plateias, têm aparecido nas telas. Sem remontarmos por exemplo, à longínqua Mary Osborne, que hoje já deve ser mãe dt filhos mais velhos do que ela, quando era o benjamim do público, basta citar de, entre os «velhos», o famoso Jackie Coogan — o «Garoto de Charlot». Mas a êste, como, lògicamente, a todos, a lei inexorável dos anos foi-lhes cerceando o encanto infantil e, paralelamente, o valor comercial. Debalde os produtores, desesperadamente, tentaram, artificiosamente travar o crescimento dos petizes, metendo-os em cenários enormes e acompanhando-os de actores de estatura gigantesca. Mas tal expediente não passava de paliativo, de eficiência limitada, e foi assim que assistimos ao exemplo, de todos o mais recente, do duelo de Shirley Temple contra os anos que lhe iam, dia a dia, desgastando aquela graciosidade que fez dela um dos valores máximos das bilheteiras.

A Nova Universal, por seu lado, devendo a própria fortuna a outra menina, embora vitoriosa, mais pela sua cativante adolescência, do que pròpriamente pelas graças infantis, como é o caso de Deanna Durbin, criou, dentro do mesmo estilo e interêsse, embora de inícios artísticos mais jovens, a adorável Gloria Jean que em breve Lisboa conhecerá.

Mas — e isso talvez no intuito, de por mais extenso prazo, poder aproveitar o interêsse infantil do novo astro — foi desencantar ainda outra criança em idade duma invulgar precocidade: Baby Sandy, que, aos onze meses de idade, recebia, sem as lágrimas que talvez chorasse sob a água lustral que o fez cristão, o baptismo, de fogo, dos projectores do estúdio. Têm havido muitas crianças no Cinema, mas, que nos lembre, e a não ser Baby Le Roy, com tão tenra idade, nenhuma apareceu como Sandy.

Pois nem um ano tinha aquele que foi o encanto maior de «Caído do Céu», não há muito estreado entre nós, e que vamos agora ver, já com mais alguns meses de idade, em papel de maior vulto e, conseqüentemente, de mais constante presença na tela, na nova comédia de Filmes Alcântara, «O Pai da Criança», igualmente na companhia de Mischa Auer.

«Caído do Céu», foi uma cautelosa experiência dos produtores, que ainda não sabiam o que o petiz daria ante o público. O acolhimento excedeu a melhor das espectativas e imediatamente o puseram em nova e mais desenvolvida criação, dando-lhe o mesmo companheiro dos seus primeiros passos na tela — o jovial Mischa Auer.

É êle «O Pai da Criança», duma criança encantadora, risonha, que já neste filme balbucia uma ou duas palavras, e que forma o fulcro à roda do qual gira a história, quási sempre impagável, excepto nos breves momentos sentimentais e naquele, declaradamente angustioso, mas felizmente resolvido, em que vemos a criança em perigo, passeando, no descuido da sua inocência, pela cimalha de um arranha-céus.

Baby Sandy, ao contrário do que muitos supõem, é uma menina, cujo sexo, tendo permanecido confuso nos seus dois filmes iniciais, é definido, na sua terceira película, «Sandy é uma senhora», que «Filmes Alcântara» apresentarão na próxima época, bem como a última criação em data «Quem se mete com crianças...».

Os pais da pequena são leiteiros, em Los Angeles, e Charles Prevoir, director-musical dos estúdios da Universal, é seu freguês. Ouvindo dizer que, nos estúdios, precisavam de uma criança, da idade da sua, para entrar no filme «Caído do Céu», o pai Sandy, na manhã seguinte, deixou, à porta de Prevoir, encostado a duas garrafas de leite, um retrato da filhinha.

A petiza foi convocada e o certo é, que, na selecção feita entre o meio cento de crianças chamadas a exame, foi ela a escolhida. Quem a viu «Caído do Céu», e quem de novo a encontrar no «Pai da Criança», concordará que Baby Sandy foi realmente uma preciosa descoberta da Nova Universal a quem talvez, esteja destinada a longa e rendosa carreira da saudosa Shirley Temple.

Sim,porque a galeria artística da pequenina Sandy está muito longe do seu têrmo. Vêmo-la já em novo filme em vias de conclusão: «Sandy Gets her Man», que antes tivera o título de «Firemen, save my child».

JOSÉ GASPAR



«O Pai da Criança» tem cenas deliciosas, como esta em que a petizada assiste a uma sessão de fantoches

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

O novo filme de CARMEN MIRANDA intitula-se «ROAD TO RIO»

Foi verdadeiramente excepcional, fora de tôdas as suposições que é possível estabelecer, o êxito clamoroso, avassalador, com que a pessoalíssima e castiça cantora de modinhas típicas brasileiras que é Carmen Miranda foi recebida no meio difícil e ingrato de Nova York, para onde acorrem as mais categorizadas e representativas personalidades do mundo do espectáculo. No teatro, na rádio ou nos famosos clubes nocturnos da Grande Metrópole, o nome de Carmen aparecia como uma verdadeira apoteose, que ecoou por todo o continente americano.

Está aí, sem dúvida, a razão da inclusão do seu nome festejado em «Down Argentine Way», o explendoroso filme que a Fox até há dias fez passar no ecran do Tivoli, com o título de Sinfonia dos Tropicos».

Claro que a actuação de Carmen Miranda naquele filme pode considerar-se, por assim dizer, um simples cartão de visita, um meio prático e convicente de a dar a conhecer ao público dos cinemas enquanto um papel de maior envergadura não viesse acreditar a sua carreira cinematográfica.

Êsse almejado momento acaba de chegar. Carmen Miranda terminou o seu novo filme para a Fox, de que é, ao lado de D. Ameche também, a primeira intérprete. Intitula-se êsse filme *Road to Rio* — «A caminho do Rio», em português — que Irving Cummings dirige.

Neste filme, de ambiente musical, o Brasil será, como a Argentina o foi para «Sinfonia dos Trópicos», o elemento de importância, quadro excepcional de beleza, de grandiosidade e de pitoresco em que a acção, de aspecto mais ou menos convencional, decorrerá por entre bailados e canções.

James Cagney e Olivia de Havilland num mesmo filme

Olivia de Havilland, que, como noticiámos no nosso último número, acabou de interpretar ao lado de Errol Flynn «Santa Fé Trail», vai ser a intérprete dum filme totalmente diferente que se intitula «STRAWBERRY BLONDE», em que aparecerá também êsse magnífico actor que tão arredio anda dos écrans portugueses — James Cagney. Naquele filme da Warner Bros, que a S. I. F. representa entre nós, tomam parte, a elegante e bela Rita Hayworth, Jack Carson e o veterano Alan Hale, o espirituoso Little John de «Robin dos Bosques».

Raoul Walsh um realizador de primeira hora, dirigirá o filme.

O elenco COLUMBIA 1941

Desde há alguns números que «Animatógrafo» tem dado a conhecer aos seus leitores os elencos das mais importantes casas produtoras americanas. Ficaram, assim, sabendo não só a situação que os seus artistas preferidos, ou simplesmente conhecidos, ocupam nas respectivas companhias, como também lhes foi dada indicação dos nomes a quem cabe a responsabilidade da realização dos filmes em que essas vedetas aparecem.

Hoje, depois da Metro e da Paramount, da Warner e da Fox, da RKO-Rádio e da Universal, cabe a vez à Colúmbia, a companhia que a Aliança Filmes representa no nosso país.

São estas as suas vedetas: Cary Grant, Jean Arthur, Melvyn Douglas, Ray Milland, Warren William, Jack Holt, Pat O'Brien, Brian Aherne, Joe E. Brown, Martha Scott, Penny Singleton, Arthur Zake e o pequeno Larry Simms, os três membros da Família Blondie, Douglas Fairbanks Jr., Charles Starrett e Bill Elliot. Entre os artistas sem contrato exclusivo, estão Rosalind Russel, Irene Dunne, Joan Bennet, Joan Blondell e Randolph Scott.

Isto pelo que respeita aos artistas principais. Quanto aos outros, são estes os seus nomes: Rita Hayworth, Ralph Bellamy, Rochelle Hudson, Edith Fellows, William Holden, Peter Lorre, Bruce Bennett, Evelyn Young e Linda Winters.

O grupo dos seus realizadores é formado por Wesley Ruggles, Nick Grinde, Ross Lederman, Alexander Hall, John M. Stahl, Robert Sherwood, Ben Hecht e e Charles Rogers.

FITAS NA FORJA

- *MELODY RANCH, com Gene Autry, Jimmy Durante, Ann Miller, Barton Mac Lane, George Galby Hayes, Jerome Cowan e Mary Lee. Realização de Joseph Stanley. Monogram (Filmes Luis Machado).*
- *FOUR MOTHERS, com Priscille Lane, Rosemary Lane, Lola Lane, Gale Page, Claude Rains, Jeffrey Lynn, Eddie Albert, May Robson, Frank Mac Hugh e Dick Foran. Realização de Wiliam Keighley. Warner Bros. (S. I. F.).*
- *LONE STAR RAIDERS, com Robert Livingston, Bob Steele, Rufe Davis, June Johnson, George Douglas, Sarah Padden, John Elliot, John Mirton, Rex Lease e Bud Osborne. Dirigido por George Sherman. Republic (Filmes Luiz Machado).*
- *ROMANCE OF RIO GRANDE, com Cesar Romero, Patricia Morison, Lynne Roberts, Ricardo Cortez, Chris-Pin Martin, Aldrich Bowker, Joseph Mac Dowell Pedro de Cordoba e Eva Puig. Realização de Herbert I. Leeds. Fox.*
- *GOLDEN GEWES, com Richard Denning, Jean Cagney, Robert Payê, J. Carroll Naish e William Frawley. Realização de Edward Dmytrik. Paramount.*

GENTE NOVA para a FOX

Ao elenco da Fox, que «Animatógrafo» revelou há dois números, há agora a juntar mais alguns nomes, todos da maior categoria. São êles o milionário Howard Hughes, aviador célebre e produtor ousado — são dêle os filmes «Anjos do Inferno» e «Scarface» — que passará a trabalhar, entre o grupo de chefes de produção da emprêsa de Schenck e Zanuk o realizador alemão Anatole Litvac, há muito trabalhando nos Estados Unidos, que deixou a Warner Bros. pela Fox; Charles Boyer e Irene Dunne, o par inesquecível de «Êle e Ela» e «Quando o outro dia chegou», que, como artistas independentes farão alguns filmes para aquela emprêsa, e Ronald Colman, que está ainda prêso por um contrato com a R. K. O. Radio segundo o qual terá de fazer cinco fitas.

Dêsses cinco filmes apenas um está concluído; intitula-se «Sorte Grande» e é interpretado também por Ginger Rogers.

COISAS INDISCRETAS
O NOIVO DE DEANNA

A fotografia que ilustra esta página tem a solenidade e o significado dos grandes momentos históricos.

Nêle apareceu Vaugh Paul e Deanna Durbin, a mais querida das vedetas do cinema, no momento em que, durante uma festa, realizada em Los Angeles em sua honra, foram oficialmente proclamados noivos.

Foi nessa altura que seus pais, anunciaram aos convidados que o casamento se realizaria no dia 7 de Junho de 1941.



A última fotografia dos pombinhos

O acontecimento, pois dum verdadeiro acontecimento se trata dada a categoria e a popularidade da noiva, não foi novidade, nem causou admiração em Hollywood, pois de há muito se conheciam os sentimentos que prendiam Deanna a Vaugh Paul, desde que há cêrca de dois anos se conheceram, quando êle era um modesto ajudante de operador nos estúdios da Universal.

Escusado será dizer que se deve à interferência e à influência da sua futura espôsa, o novo e importante cargo que Vaugh Paul desempenha actualmente — o de produtor associado daquela companhia.

De facto não fazia sentido que uma das maiores celebridades da actualidade viesse a ligar-se pelos sagrados laços do matrimónio com um obscuro aprendiz de operador.

Parabens e felicidades aos dois pombinhos.

VIDA CORPORATIVA

O problema da Crítica

S. Ex.ª o Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência, sr. dr. Trigo de Negreiros, recebeu na última quinta-feira a direcção do Sindicato Nacional da Crítica. Pretendia a referida direcção, com esta audiência, esclarecer quem dirige e coordena directamente a acção corporativa do Estado Novo àcêrca dos intuitos reformadores que se propôs e para que foi eleita pela primeira vez, para o exercício de 1940.

A última Assembleia Geral, que se realizou no dia 11 do corrente, aprovou por unanimidade o relatório da Direcção, em que se expunham as razões que haviam provocado uma verdadeira síncope na acção sindical e cultural empreendida pelo Sindicato no início de 1940 — esta última assinalada pelas conferências brilhantíssimas do Prof. Reinaldo dos Santos, do dr. Pedro de Moura e Sá e do dr. Luiz de Oliveira Guimarães. E reelegeu todos os corpos gerentes, sem qualquer alteração, quer na Direcção, quer na mesa da Assembleia Geral, quer no Conselho Fiscal.

Tal reeleição «em massa» significa muito claramente duas coisas:

1.ª — Que a confiança na actual Direcção prevalece intacta.

2.ª — Que os sócios do Sindicato se encontram firmemente dispostos a alcançar os fins que se propuseram.

Talvez interesse dizer aqui quais são êsses fins, tal como foram expostos ao sr. Sub-Secretário.

Ao mais desatento leitor dos nossos jornais não pode passar despercebido o estado lamentável a que chegou a crítica em Portugal, por desorientação e desinterêsse. E dizemos crítica, porque êsse triste espectáculo não poupa nenhuma modalidade artística ou literária. A crítica de livros, a crítica de teatro, a crítica de belas-artes, a crítica musical — nenhuma escapa. Quanto à crítica cinematográfica — nem é bom falar em tal.

Ainda na última semana, a propósito de «O outro» — filme notabilíssimo, que se eleva acima da craveira, habitualmente alta, da produção americana — houve um crítico (?) dum jornal diário que, sem sequer ter a coragem de assinar o escrito com umas vagas iniciais, teve o descôco de afirmar que filmes como aquele «nunca deviam passar as fronteiras dos Estados Unidos ou, pelo menos, não deviam ir além dos cinemas das pequenas terras de província».

Ora, quem não tem o direito de dizer tanta asneira nem mesmo nos jornais das pequenas terras de província é o cavalheiro que escreveu aquela preciosidade, sem cuidar do que isso prejudica o crédito de opinião do jornal em que tão mal colabora.

Duas únicas modalidades críticas se exercem em Portugal conscienciosamente e com indiscutível competência: a crítica desportiva e a crítica tauromáquica. A bola e os toiros têm sorte. Mas quere-nos parecer que, com aquele sentido das proporções que caracteriza a nossa santa gente, qualquer das outras manifestações tão mal consideradas na imprensa de grande circulação (e dizemos mal consideradas por se entregar a sua apreciação pública ao primeiro redactor livre na agenda — o chamado «crítico de serviço» — sem curar da sua competência nem das suas predilecções) qualquer das outras manifestações, dizíamos nós, é bem mais importante para o nível social do nosso país.

Ora, se existe um Sindicato Nacional da Crítica, legalmente constituído; se existe uma lei (o decreto-lei n.º 29.931) que torna extensiva a todos os que exercem mister idêntico ao representado pelos Sindicatos o pagamento duma cotização; se êsse Sindicato dispõe de sócios de indiscutível competência em tôdas as referidas modalidades; se dêle podem fazer parte, como sócios ou como simples contribuintes, todos aqueles que sejam críticos de verdade, por habilitação especializada nas matérias sujeitas a crítica; se a maioria dos sócios do Sindicato não pode sequer fazer parte do Sindicato Nacional dos Jornalistas, por especiosa definição da profissão de Jornalista, apenas aplicável aos redactores e colaboradores assíduos dos jornais diários e aos directores de periódicos de cadência não inferior a semanal; — porque não se dá ao S. N. da Crítica o mesmo direito que têm todos os demais Sindicatos: definirem a sua profissão, destrinçarem as suas categorias profissionais, fiscalizarem o seu exercício e responderem pela habilitação dos seus associados?...

Dir-se-á que não existe a profissão de crítico, por ser insuficiente para *nourrir son homme*... Por êsse critério, bem poucas profissões em Portugal poderiam ser consideradas como tais, pois bem poucas dispensam o seu titular de exercer outra, cumulativamente. O director dêste jornal dirige filmes, um redactor é funcionário público, outro é médico, outro é empregado bancário; cada um faz, graças a Deus, outra coisa muito diferente, para ganhar a vida; e todos têm imensa pena de não serem donos duma barbearia, duma farmácia ou dum lugar na Praça da Figueira.

Porisso os críticos são tão «profissionais» que até exercem outras profissões, como todos os profissionais portugueses que se prezam.

Propomos mesmo esta definição, para futuros dicionários enciclopédicos:

Profissional — Aquele que está habilitado a exercer um número de profissões suficiente para ganhar honradamente a sua vida.

* * *

Falemos sério.

Não faz sentido que, por um lado, o Govêrno procure estimular, em tôdas as oportunidades, a actividade dos nossos artistas, (acção do Secretariado da Propaganda Nacional, da Agência Geral das Colónias, Exposição do Mundo Português, etc.), consinta que, por outro lado, as suas obras sejam apreciadas em letra de fôrma com a mais absoluta leviandade, sôbre o joelho, ao sabor do capricho duma agenda.

Num relatório que publicou no n.º 2 do «Boletim da Crítica», a actual direcção do Sindicato esclarece pormenorizadamente o que julga ser possível fazer dentro da mecânica corporativa: carteira profissional, cotização obrigatória, acção cultural, obrigatoriedade de assinar as críticas, registo de pseudónimos e iniciais permitindo a pronta identificação de todos os que asseguram secções de crítica, etc.

Confiamos plenamente no alto critério de S. Ex.ª o Sub-Secretário de Estado das Corporações, para resolver um gravíssimo problema que, como a maior parte dos nossos problemas, se resolve com enorme facilidade — desde que se tenha a coragem bastante para enfrentar a melhor solução possível, doa a quem doer.



A fim de dar grande impulso à indústria cinematográfica vai constituir-se uma nova firma produtora, a «Consortium Pictures». Esta nova organização dará um enorme incremento, pois projecta realizar um mínimo de três filmes por ano. Se, de todo em todo não puder conseguir aquele intento, produzirá, pelo menos, dois filmes, ou então um, o que já mostra boa vontade. Se isso ainda fôr impossível, o «Consortium» não realizará nenhum.

— A conhecida compositora musical Manola Pretty recusou o convite que lhe foi dirigido para interpretar o papel de «Rebecca» na nova versão do filme que tem aquele título. Ao que parece Manola Pretty não quis pegar na «Rebecca» porque, apesar de compositora, não sabe música.

— A firma «River Valley Company» está a produzir o filme «The Pyphoon» (O Pifão) com Oskar von Laemmle e Sylvester Joy. Entre as cenas capitais do filme figura o incêndio duma vinha.

— O novel realizador Ferdinand Bar, encontra-se, presentemente, no norte do Brasil, onde está a escolher os exteriores para o seu primeiro filme «Impureza».

CARTAS DUM CINÉFILO

Meu excelentíssimo Mestre:

Escrevo-lhe o mais propositadamente que me é possível para lhe dar o meu aplauso a um artigo publicado no último número do «Animatógrafo». Trata-se daquela ideia do sr. Mota da Costa dos filmes de curta metragem. Muito bem! É preciso fazer fitas curtas e estou convencido que isto será um ótimo treino para quem quere ser realizador.

Já em tempos houve essa ideia dos filmes curtos. Eram os tais cem metros. Serviram para dar vazão a muito cineasta. Infelizmente acabaram com isso e êles não tiveram outro remédio se não fazer fitas de larga metragem e quem lhes sofreu as conseqüências fomos nós.

Como lhe digo acho isto das fitas de curta metragem uma grande ideia e há tanto assunto para filmar. Aos cineastas que quiserem lançar mão à obra posso dar algumas ideias. Por exemplo: o castelo de Obidos; de Lisboa a Cintra em combóio com paragem em Cacém e seguintes; Caldas da Rainha em dia de mercado; a apanha da azeitona nas propriedades do sr. Emílio Infante da Câmara; a Fábrica de Cimentos de Leiria vista por fora; a Feira da Ladra em dia em que não há feira; etc.

Há aqui ideias muito boas, mas como os cineastas mal-dizentes podem começar a dizer que alguns daqueles assuntos já foram aproveitados nos tais «cem metros» eu tenho a dizer o seguinte: Em Hollywood já se fizeram duas versões do «Médico e o Monstro», vai agora fazer-se a terceira e ainda ninguém protestou. Creio que isto para os esmagar chega.

Eu que também hei-de ser uma grande figura do cinema português vou, também, fazer filmes de curta metragem para começar. Tenho esperanças de que o meu pai me dê o seu apoio, pois para os filmes que eu quero fazer basta só trespassar metade do talho. Tenho já um assunto para o meu primeiro filme que terá dezentos metros de comprido por dois centimetros de largo. A medida parece-me bem, mas em todo o caso o sr. depois me dirá.

A realização da fita é tôda minha, o argumento é meu, a planificação é minha, a montagem é minha, a produção é minha, os diálogos são meus e o dinheiro é de outro. Veja só por êste bocadinho se eu não tenho já o estofo dum grande realizador português.

Sem mais abraça-o o seu amigo de infância.

Ignácio da Purificação

A FEIRA DAS FITAS

LONGE DO MUNDO

(Le Récif de Corail)

O romance original de Jean Martet donde Charles Spaak adaptou o argumento dêste filme é um soberbo romance de aventuras, um dos melhores da literatura francesa contemporânea. A diversidade de ambientes e de situações tornava-o complicado de realizar, em qualquer outro país que não fôsse a América do Norte. A acção decorre na Austrália, em variadíssimos locais, e prolonga-se até o México, com passagem por uma ilha absolutamente polinésica... É portanto de louvar a coragem de Maurice Gleize, abordando-o com os recursos do cinema francês, deminutos para a circunstância.

Assim, o Recife de Coral pròpriamente dito, o paradisíaco Tobogu, só se cheira de longe. O México vê-se de mais perto — o que, francamente, não lhe é muito favorável... Mas os ambientes de Brisbane, de Bridgetown (principalmente o *saloon)* e os exteriores junto da cachoeira são felizes.

«Longe do Mundo» — que é, a-pesar-de tudo, um filme a ver — patenteia um dos maiores defeitos do cinema francês, mesmo no seu período de renovação vitoriosa: a preocupação excessiva do *realismo*, que conduziu a excessos como o de forçar os actores a falarem sempre baixo, «para dar naturalidade», donde resulta um ar tão natural que não anda muito afastado da monotonia...

Gleize dispunha, porém, de magníficos actores: Jean Gabin, sempre poderoso, num óptimo papel; Pierre Renoir, numa personagem que não precisa de aparecer muito para que marque o seu lugar na acção e na memória; Saturnin Fabre, Jean Perrier, o pândego do Carette, Gina Manès, que gostámos de voltar a ver, Louis Florence — e Michèle Morgan, Michèle-a-Ímpar, numa figurinha curiosa, em que os seus dois aspectos, o satânico e o divino, têm ensejo de aparecer ou, melhor, *de se deixarem adivinhar*, o que ainda é mais próprio dela. — A. L. R.

MILIONARIO A DIAS

(Life begins with Love)

Uma comédia que se anunciava como muitas e que saiu diferente de tantas, pela novidade do entrecho e a sua boa condução, tanto no papel como no celulóide, esta que a Lisboa Filme apresentou no Condes. São autores do *screen-play* original Thomas Mitchell (o grande actor de «Cavalgada Heróica» e de «Paraíso Infernal»); da encenação, Raymond B. Mc Carey.

A interpretação reúne a gentilíssima Jean Parker, uma das raras ingénuas do cinema que não perde os seus encantos de *menina*, a *sophysticated* Edith Fellows, a especialista de «miudas màzonas» que é Leona Moricle, e um galã moldado noutra fôrma diferente da do costume, Duglass Montgomery, espécie de William Austin que pudesse interpretar galãs sem ridículo. — A. L. R.

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que nêles merece atenção especial.

«AS AVENTURAS DE ROBIN DOS BOSQUES» (S. I. F.)

— Por ter atingido a 6.ª semana de exibição no Politeama.

«LONGE DO MUNDO» (Lisboa-Filme)

— A interpretação de JEAN GABIN (Ted), PIERRE RENOIR (Abboy) e MICHÈLE MORGAN (Mary).

— Os bons momentos da realização de MAURICE GIEIZE.

— A rábula do caixeiro do armazém de Bridgetown.

«MILIONÁRIO A DIAS» (Lisboa-Filme)

— Os «gags» originais dispersos pelo argumento de THOMAS MITCHELL e BROWN HOLMES, nomeadamente o «meeting» das crianças da creche, conduzido pelo pequeno russo.

— A interpretação de DOUGLASS MONTGOMERY, um galã diferente do costume.

«O OUTRO» (Rádio-Filmes»)

— A assombrosa interpretação de CHARLES LAUGHTON (Tony Patucci).

— A adaptação de ROBERT ARDREY segundo a peça teatral de SIDNEY HOWARD.

— A interpretação de CAROLE LOMBARD (Amy), pela dificuldade do papel, a de WILLIAM GARGAN (Joe), pelo ajuste perfeito à personagem, e a de FRANK FAY (o Padre), pela sua impecável actuação.

— A encenação de GARSON KANIN.

— Aqueles espectadores que compreenderam tratar-se dum dos melhores filmes dos últimos anos.

«OS TEMPOS MUDARAM» (M. G. M.)

— O interêsse de todos os aspectos hípicos do filme.

— A fotografia de KARL FREUND, especialmente nos exteriores.

— A propriedade e o acêrto da encenação, dirigida por EDWIN L. MARIN.

O OUTRO

(They Knew what they wanted)

É difícil e parece-nos quási injusto dedicar a um filme da categoria excepcionalíssima de «O Outro», o espaço, forçosamente restrito, que a cada filme podemos dedicar nesta secção. Propomo-nos portanto consagrar-lhe no próximo número todo o espaço necessário à boa elucidação dos cinéfilos nossos leitores, para que não embarquem ingènuamente na *vox populi* (que em Portugal, quando se trata de espectáculos, está muito longe de ser a *vox Dei)*, desinteressando-se dum dos melhores filmes realizados nos últimos dez anos.

Apoiando tristemente a opinião de certo público (que, infelizmente, está longe de constituir uma minoria), a crítica absurda de certos cotidianos «deitou ao desprêzo» uma obra que reúne, não só todos os elementos do mais alto valor artístico que destacamos no Quadro de Honra, como contém uma das mais altas lições de dignidade humana e de moral autêntica. Porque *moral* é a ciência dos costumes, e não uma abstracção para se impingir em sentenças, espécie de comprimidos que só servem para enfatuar os boticários da alma. Mais (e temos connosco «A Voz» que é insuspeita): de moral não apenas cristã, mas católica, o que não é freqüente em filmes americanos, e muito menos em filmes produzidos e encenados, como êste, por artistas judeus.

Erich Pommer, o produtor dos filmes mais famosos da Ufa pre-hitleriana, entrou com o pé direito na RKO, para onde levou o seu ex-sócio da «Mayfair», o extraordinário Charles Laughton. Uma produção como *They knew what they wanted* assegura-lhe automàticamente um lugar na primeira fila dos produtores americanos: os Selznick, os Goldwin, os Pasternak, os Al Wallis, os Zanuck, os Stromberg, etc.

Garson Kanin que já é, aos vinte cinco anos, um dos mais *interessantes* realizadores do animatógrafo, conquista com «O Outro» o seu lugar definitivo entre os melhores.

Charles Laughton tem, em *Tony Patucci*, o italiano admirável, o homem que tão bem sabe perdoar, a sua mais assombrosa criação, e certamente a melhor depois do *Ruggles* do «Último Escravo». Um actor capaz de exprimir daquela maneira os sentimentos mais difíceis de representar é certamente um actor de génio. E não nos parece provável, a-pesar-de estarmos em Janeiro, que apareça quem lhe tire a Medalha do «Animatógrafo» em 1941...

Carole Lombard, que em cada filme se afirma actriz mais admirável, tem aqui o seu papel mais difícil, a sua prova mais brilhante. Conseguir dar grandeza a uma personagem acentuadamente *vulgar*, é proeza de que, até hoje, só se gabava Bette Davis.

William Gargan e Frank Fay têm duas interpretações notabilíssimas.

Quanto ao argumento, extraído duma peça de Sidney Howard que obteve o Prémio Pulitzer (o «Prix Goncourt» dos Estados Unidos), analizá-lo-emos com a atenção devida na página especial que prometemos para o próximo número. — A. L. R.

OS TEMPOS MUDARAM

(Florian)

A-pesar-da publicidade não ter insistido no aspecto «equitação» dêste filme, o facto é que tôdas ou quási tôdas as pessoas susceptíveis de se interessar especialmente pela nobre arte de cavalgar tôda a sela estavam em pêso na sua estreia. Não sabemos como explicar o fenómeno; sabemos apenas que êle veio demonstrar mais uma vez que o público possue um sexto sentido instintivo que lhe indica os espectáculos que o interessarão.

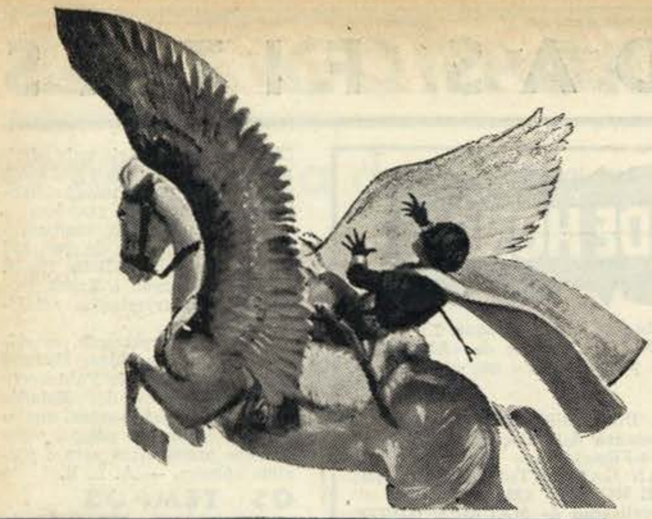
É possível que essas pessoas a que acima nos referimos não ficassem encantadas com a reconstituïção da Escola Espanhola de Equitação de Viena, mas ficou o público iniciado. E todos gostaram a valer de tôdas as cenas que decorrem na coudelaria — evocação da célebre Lipiza da velha Austria —, servidas por uma maravilhosa fotografia de Karl Freund. As seqüências das manadas de éguas brancas são talvez a melhor coisa da fita, que está, aliás, cheia de motivos de interêsse. Entre estes é justo destacar o bailado de Irina Baranova, «prima ballerina» da Companhia de Bailados Russos que actuou antes da guerra no Covent Garden de Londres, e a reconstituïção do atentado de Serajevo. O argumento, cinematizado com habilidade, foi extraído de uma novela do austríaco Félix Salten evocadora dos últimos tempos do império austro-húngaro.

Edwin L. Marion encenou o filme com propriedade, freqüentemente com bom sentido cinematográfico e sempre com bom sentido espectacular.

Os predicados novelescos da história dão a «Os Tempos Mudaram» condições de agrado.

Robert Young tem uma excelente interpretação no protagonista. No principal papel feminino aparece de novo Helen Gilbert, aquela professora de olhos doces e sonhadores por quem Mickey Rooney se apaixonara em «O Novo Amor de Andy Hardy». Noutros papéis, Charles Coburn (o dr. Hoper), Reginald Owen (o imperador Francisco José) e Lee Bowman (o Arquiduque).

Magníficos complementos abrem o espectáculo, como é de uso, aliás, nos programas M. G. M. — D. M.



Alexander Korda apresenta

O LADRÃO DE BAGDAD

(THE THIEF OF BAGDAD)

ARGUMENTO:

Era uma vez um Rei, nobre e generoso, (John Justin) que a traição do seu Grão Vizir (Conrad Veidt) desapossara do trôno. E ter-lhe-ia dado a morte se não fôra um pequeno ladrão de Bagdad (Sabu). O ladrãozinho dá ao Rei mais ainda que a própria vida: leva-o, graças à sua astúcia, junto da Princesa dos seus amores (June Duprez). Mas o Grão Vizir é um poderoso feiticeiro: transforma o pequeno em cão e tira a vista ao Rei, dizendo que só lhes restituirá a forma humana e a vista quando tiver a Princesa nos braços.

Ambos, porém, conseguem evadir-se. E vão dar a uma ilha onde a sorte os favorece, pois libertam um génio que estava prêso dentro duma garrafa.

E com o auxílio do génio, grato pelo serviço que lhe prestaram, conseguem derrotar o Grão-Vizir depois de mil peripécias espantosas, como só no misterioso Oriente são possíveis.

«O que Walt Disney conseguiu com bonecos, Alexander Korda conseguiu-o com seres humanos!...»

— disse um crítico americano

A Sonoro Filme

tem a honra de apresentar

A MAIOR ATRACÇÃO UNIVERSAL DOS ÚLTIMOS **QUINZE ANOS**

Uma produção em TECHNICOLOR que custou 2 MILHÕES DE DÓLARES e levou 2 ANOS A REALIZAR, interpretada por

SABU CONRAD VEIDT E JUNE DUPREZ

Um filme de ALEXANDER KORDA

o genial produtor de «AS 4 PENAS BRANCAS»

★

Mil e uma cenas maravilhosas num conto das Mil e uma Noites

O Tapete Mágico - O Cavalo Voador - Um Génio que transforma Sabu num cão e provoca uma grande tempestade - Pássaros gigantes que levam pessoas nas garras - Uma cidade que surge dum deserto



O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

CINÉFILO PORTUGUÊS. — *A Deanna Durbin's fan* nada tinha que ver com *Apaixonado n.º 1 de Deanna Durbin*, a não ser na similitude do significado de admiração que os títulos encerram. Não mudo o pseudónimo a leitor algum, salvo se fôr de molde a fazer corar as massas...— Para assinares *Animatógrafo* deves enviar a importância correspondente ao prazo da assinatura, adiantadamente, à administração da nossa revista. Podes remeter a quantia em vale de correio.

UM PORTUENSE APAIXONADO. — Podes escrever em português à Deanna Durbin, para Universal Studios, Universal City, Hollywood, Califórnia. A simpática estrelinha de *First Love*, nasceu a 4 de Dezembro de 1922. Completou, pois, 18 anos. — Podes escrever à Madalena Sotto por intermédio da nossa revista. — Êste portuense, a despeito de estar apaixonado (é o pseudónimo que nos informa) deseja cartear-se com leitoras do Norte, com menos de dezassete anos. — O teu pseudónimo parece-me muito romântico!

I AM CHARLES BOYER. — Cá fico aguardando a surpresa e felicito-te pela aquisição da aparelhagem de cinema de amadores. — Lana Turner e Robert Taylor: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Aqui fica registado o desejo que tens de te corresponder com leitoras da nossa revista.

I LOVE YOU, HILDA. — Breve verás, no *Animatógrafo*, uma biografia de Brenda Joyce. — Diz-me quais os nomes de artistas sôbre os quais tens dúvidas, quanto à pronunciação, e eu te elucidarei.

REY... SEM TRONO. — O maior cinema do mundo é o *Radio-City Music-Hall*, de Nova York, com 6.000 lugares. Em França, há, com lotação quási equivalente, o *Gaumont Palace*. — *As Viagens de Gulliver* está anunciado para breve.

UM DESCONHECIDO. — A tua ideia de inquérito, veio de encontro à iniciativa de *Animatógrafo*. Simplesmente, a votação dos «melhores» não é feita pelos leitores, como tu querias, mas sim pelo júri, cujos componentes conheces já. — O ano de 1940 foi excepcional, sob o ponto de vista cinematográfico. 1941 não deixará os bons créditos do antecessor, por mãos alheias... — Como viste, já publicámos uma Deanna de se lhe tirar o chapéu...

HERME. — Estou sem saber se tu és o *Hermes* a quem já tenho escrito, ou se és outro leitor com um pseudónimo igual a êsse, mas no singular. Tu me dirás. — Viste então, 4 vezes, *O primeiro amor de Gata Borralheira?* A Deanna devia mandar-te um beijo cristalizado, para corresponder a semelhante devoção.

MAGDA. — A Hedy Lamarr que, para ti, e para nós, é a mais bela mulher da tela, já apareceu nas separatas da nossa revista. — Não duvido que tenhas vocação para a Arte dos teus amores. Tive imensa pena de não assistir à récita de que me falas. Se quiseres mandar os retratos, gostosamente direi a minha opinião e, se fôr favorável, não terei dúvidas em recomendar-te aos nossos realizadores. Madalena Sotto veio, por meu intermédio, para o Teatro e Cinema. Seja como fôr, penso que é extremamente difícil ingressar num estúdio ou num palco. Mas não é impossível. O talento é a condição n.º 1.

X. — O incidente que me contas, ocorrido, contigo, durante a exibição de *A Dama dos Trópicos*, parece-me romance. Não quero crer, que a atitude de Shildkraut. em face da lindíssima Lamarr, te houvesse revoltado tanto, a ponto de puxares dum revólver, para o alvejares, na tela... Que belo rèclame, à americana, o teu gesto dara... — As duas melhores mortes, por tuberculose, que a tela, até hoje, nos mostrou, foram incontestàvelmente as vividas por Greta Garbo e Merle Oberon, respectivamente em *Margarida Gautier* e *O Monte dos Vendavais*. — Disseram-te então que eu era um velho, tal qual o Pai Natal?!... Calúnias, amigo, calúnias!... — Porque não adoptas o pseudónimo de outros tempos?

I LOVE SHIRLEY TEMPLE. — Transmito aos interessados que recebeste uma excelente foto de Deanna Durbin e um postal (foto) de Gloria Jean, tudo de graça, e a trôco «do trabalho que tiveste de escrever, a cada uma delas, um postal internacional — Parabens. — Bem podes pensar no novo pseudónimo, por que a pobre Shirley está condenada k clausura, durante alguns anos, antes de que possa reaparecer, com o êxito doutros tempos.

ANTINEA. — Não tens razão para não gostar do Robert Taylor. É um galã simpático, nada afeminado, e um artista correcto. Pelo que me dizes, vais-te habituando a êle... Tal qual como a cerveja... Quando se prova pela primeira vez, sabe mal... — Robert Donat é, incontestàvelmente, um espantoso actor. O seu «Mr. Chips» mereceu a consagração máxima da Academia Americana. — Há muito que tenho essa opinião, que tu agora reforças: as cinéfilas portuguesas morrem de amores, teòricamente, por êste ou aquele galã da tela, mas quando encontram um português, que lhe diga alguma coisa ao coração, casam com êle e são muito felizes... Ainda bem. Do mal, o menos...

I LOVE DEANNA DURBIN. — As tuas impressões sôbre *Animatógrafo* são muito lisonjeiras. Como tiveste ensejo de ver, a revista começou bem, e tem continuado melhor. De vós, apenas, pende podermo-la tornar cada vez maior, cada vez melhor — Não estou muito de acôrdo contigo, quanto a *First Love*. Considero-o dos melhores de Deanna Durbin. — Transmiti ao director de *Animatógrafo* a tua sugestão quanto à cotação dos filmes. Não sei se será viavel!

CINÉFILO TIRSENSE. — Não conseguirias descobrir quem é *Bel-Tenebroso*, mesmo que devassasses todos os escaninhos da Redacção. É invisível, transparente e volátil... — Não percas *100 Homens e uma Rapariga*, quando fôr na *reprise*. É um filme admirável! — Tenho dezenas e dezenas de consulentes aí no Pôrto. — Transmito aos interessados que recebeste uma foto autografada de Deanna Durbin, contra o envio de 25 cents (ao câmbio de 27 de Setembro, 7$50). — Êste leitor enviou o dinheiro em selos americanos do correio e esperou 61 dias pela foto, que tem as dimensões de 18 × 24 cm.

PINOCCHIO II. — Já há um leitor que adoptou para pseudónimo o nome do herói de Walt Disney. De modo que ficas sendo provisòriamente o *Pinocchio II*. No entanto, para evitar confusões, seria bom escolheres outro pseudónimo. — Eleanor Powell: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

LITOS. — Jannette Macdonald não é casada com Nelson Eddy, mas sim com Gene Raymond. — Robert Taylor é marido de Barabara Stanwyck. — É difícil dizer-te quem são os melhores artistas da cinelândia. No entanto, entre os homens, Spencer Tracy, Leslie Howard, Paul Muni, Robert Donat, Mickey Rooney e Henry Fonda, figuram entre os melhores. Quanto às vedetas, citemos, no número das mais notáveis, Greta Garbo, Bette Davis, Katherine Hepkurn, Norma Shearer, etc.

DONANFER. — Tenho nada menos de 600 cartas, na minha frente, para responder. Como queres tu, que não haja respostas atrazadas?! — Os leitores que não queiram inutilizar o *Animatógrafo* cortando a senha de voto, poderão participar no «referendum» dos retratos, mencionando os dois nomes, num postal, que deverá ser dirigido, não a mim, mas à Redacção de «Animatógrafo». — Acho muito bem que as oito pessoas da tua família, comprem, cada uma, o seu número de *Animatógrafo*. Não terão de esperar uns pelos outros para matar a sêde cinéfila, que êle mitiga... — Tudo quanto digas da beleza de Hedy Lamarr é pouco. «It's sensational!» — Transmito as tuas saudações a *Dinhamá!*

GERALDO CHEIO DE PAVOR. — Já esperava que a tua crítica de *Pão Nosso* fôsse desfavorável ao filme. Como tu, penso também que não é aquele o «filme do Alentejo», tão apregoado. Seja como fôr, o assunto não ficou esgotado, e outra película dará inteira satisfação à tua alma de bom Alentejano. Por agora limitámo-nos a dizer: *«Pão Nosso*, que estais no Céu...» Porque o assunto morreu...

Bel-Tenebroso

O REFERENDUM DOS RETRATOS

MIRNA LOY e ROBERT STACK são os novos triunfadores

A contagem de votos desta semana não trouxe grandes surprêsas. Apesar da grande concorrência de votos (o número de senhas recebidas aumenta regularmente) as estrêlas mantiveram quási as mesmas posições relativas da nossa «constelação».

ACTRIZES	ACTORES
1.º MIRNA LOY	1.º ROBERT STACK
2.º DEANNA DURBIN	2.º SPENCER TRACY
3.º MARIA DA GRAÇA	3.º MICKEY ROONEY
4.º DANIELLE DARRIEUX	4.º CARY GRANT
5.º HELEN PARRISH	WILLIAM POWELL
6.º JEANNETE MAC DONALD	6.º MELVYN DOUGLAS
7.º GRETA GARBO	7.º OSCAR DE LEMOS
8.º JOAN BENNETT	8.º RICHARD GREEN
9.º JEAN ARTHUR	NELSON EDDY
BETTY GRABLE	10.º LAURENCE OLIVIER

Enquanto uns sobem outros ficam sempre no mesmo lugar. E há coisas que não nos parecem justas! Spencer e Mickey apesar de já terem sido publicados os seus retratos ultrapassaram Powell e Cary Grant. Admiradoras de Cary Grant e Powell, às urnas! Não queiram ficar derrotadas!

A todos os leitores que enviam votos para o Referendum pedimos o favor de os endereçarem para a secção respectiva (Referendum) e não para Bel-Tenebroso que anda aflito para responder a tantas cartas e não tem tempo senão para pensar nos seus correspondentes. Além de que, assim, há votos que chegam atrazados pois só tomamos conhecimento dêles quando Bel-Tenebroso abre as cartas.

SENHA DE VOTO

Gostaria de ver publicados na «Galeria do Animatógrafo» os retratos seguintes:
Actriz: ....
Actor: ....

O cinema colabora com a ciência

(Conclusão da pág. central)

Je pourrais, si j'avais seulement
[les yeux clos,
Avoir aussi ce bien suprême
Que j'ai pleuré parfois avec
[d'amers sanglots!
Je pourrais, si j'avais seulement
[les yeux clos,
Entendre vivre ceux que j'aime.

E o dr. Costa Quinta conclue a sua entrevista, a que poderíamos chamar apontamentos para uma lição magistral;

— Para os surdos existe, em muitos casos, a possibilidade de poderem disfrutar o prazer espiritual que a todos oferece essa maravilhosa criação a que se deu o nome corrente de cinema sonoro. Essa possibilidade, é a conseqüência dos extraordinários progressos feitos no domínio da electro-acústica que põe hoje à disposição dêsses doentes: aparelhos de prótese auditiva individuais capazes de aumentarem numa percentagem que ultrapassa de dia para dia todos os cálculos, a acuidade auditiva diminuída ou parcialmente abolida ou casas de espectáculo, como em Londres, onde um certo número de lugares estão providos de dispositivos especiais, aliás, dum modo geral, idênticos aos aparelhos de prótese auditiva, e destinados aos surdos.

— Há, no entanto, uma observação de ordem geral com surdos: ouvem melhor nos combóios do que em silêncio...

— É certo que determinados doentes ouvem melhor no meio dum grande ruído, como seja no interior duma carruagem dum combóio em andamento. Contudo, êsses doentes ao assistirem à passagem dum filme sonoro não ouvirão melhor, a-pesar do reforço da intensidade dos sons e, portanto, num ambiente a que, embora impròpriamente, designaremos de ruidoso. A razão dêste fenómeno explica-se do modo seguinte: — Êsses doentes ouvem, geralmente, particularmente mal os sons graves. Ora durante uma viagem de combóio a maioria dos ruídos apercebidos e produzidos pela carruagem são daquele tipo, isto é, predominantemente graves. Involuntàriamente, os indivíduos que terão de falar nessas condições acústicas, serão obrigados, para melhor se entenderem, a produzir sons vocais não só de maior intensidade, isto é, sons de maior amplitude vibratória, mas, especialmente, de tom mais alto, quere dizer, sons de maior número de vibrações duplas por segundo. Os sons emitidos nestas condições são sons agudos e, por conseqüência, um surdo desta categoria ouve seguramente melhor desde que estas condições se realizem, porque os sons que chegam até ao seu ouvido encontram-se acima da zona do campo auditivo onde a perda da acuidade auditiva é mais acentuada. Êste mesmo surdo transportado para uma sala onde se faça a exibição dum filme sonoro encontra-se, é certo, num ambiente onde os sons são de grande intensidade, mas onde a altura se mantem idêntica àquela com que foram inscritos pelo microfone em condições excepcionais de silêncio como apresentam actualmente os estúdios de cinema. Os amplificadores limitam-se a aumentar a intensidade deixando sempre igual a outra qualidade do som, isto é, a altura ou tom que mais interessaria que variasse em sentido favorável a esta categoria de surdos. Por isso continuarão a ouvir mal no cinema e bem nos lugares barulhentos.

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

No, no, Nanette

(Conclusão da pág. 9)

para a enquadrar. Gastaram-se na escolha semanas, e, assim, se resolveu outro «pequeno nada» duma grande produção.

Os planos dum avião

Certa manhã, nos escritórios da T. W. A., grande companhia americana de transportes aéreos, entrou um cavalheiro que queria, nada mais nada menos do que os planos do último avião empregado pela grande companhia na sua ligação de Nova-York com a costa ocidental americana. Falou aos directores e mostrou apresentações especiais. Levou os planos dum grande avião estratosférico.

Wilcox tinha uma cena de «No, No, Nanette» passada dentro do avião.

Arranjaram-se os planos para se reproduzir. Depois as oficinas especiais construiram o invulgar cenário. E de tal forma perfeito que a T. W. A. o quis comprar à Radio-Filmes para fazer com êle uma exibição através dos E. U. A.

Nem tudo são espinhos...

Como estes que são simples amostras, resolveram centenas de problemas que implicaram as colaborações mais imprevistas. Mas é necessário ser assim para virem as compensações, que em «No, No, Nanette» não faltaram: a criação de ANNA NEAGLE foi considerada a maior da sua carreira; as canções «Chá para Dois» e «Quero ser feliz» popularizaram-se ràpidamente; Richard Carlson e Victor Mature — os dois galãs da fita viram o seu público aumentado consideravelmente. E a RADIO-FILMES conta outro êxito.

SILVA LIMA

N. da R. — A lindíssima fotografia de Lucille Ball, que publicámos no nosso número passado, pertence à colecção particular do nosso querido amigo Reginald Armour, director da R. K. O. na Europa e produtor dos filmes de Michèle Morgan para aquela emprêsa.

Correio dos Novos

(Continuação da pág. 8)

pelas razões que damos a Delgado. Mas o seu revela imaginação, que merece aproveitamento. Continue a desenhar, porque tem aptidões.

LEÃO DA METRO — *Lamento que «Animatógrafo» se tenha antecipado aos artigos que tencionava enviar-nos. Mas o remédio é simples: escreva outros, que os leremos com o maior prazer.*

ANTÓNIO MENDES. — *O que me pede é bastante difícil. Mas apareça na redacção, para conversarmos.*

LUIZ XV. — *Não é possível chegar a realizador com «explicações». É preciso estudar e trabalhar muito, sòzinho, amando o Cinema com espírito prático, isto é: servindo-o. Quanto ao artigo de Mota da Costa, V. Majestade não tem razão para se mostrar tão susceptível. A falta de paciência é o pior inimigo do Cinema.*

E. V. P. — SANTARÉM. — *Não me é possível responder pessoalmente a todos os leitores que enviam um sêlo. Quando vier a Lisboa, terei muito prazer em recebê-lo. E aceito as suas simpáticas explicações.*

SOFRES POR MIM. — *É o sofres! Arranje outro pseudónimo, porque êste é uma vergonha. Mas diga aos cinéfilos de Alpiarça que tôda a redacção aprecia muitíssimo o entusiasmo e fidelidade de todos pelo Cinema Português. Avante, por êle, pois!*

J. A. PITA. — *Não tardará que todos os que se querem dedicar ao Cinema tenham ocasião de correr entre nós a sua «chance». Espere o momento, com a mesma confiança com que nós próprios o esperamos.*

MARIA GIL. — *Muito obrigado pela sua carta. Não tem de que pedir desculpa. E continue a escrever. Verá que em cada artigo que faça mais contente ficará consigo própria — e nós consigo.*

PATO DONALD JR. — *O meu amigo é rezingão e crítico «à portuguesa», como o senhor seu pai, o pato refilão de Walt Disney! A sua receita para fazer representar bem os actores portugueses é de primeira ordem! Se chegar a poder aplicá-la, verá os resultados. Verduras da juventude, meu amigo. Aliás você escreve bem, corajosamente, e isso é de louvar. Sabe o que falta ao Cinema português? Continuïdade! O resto são lérias.*

TOUREIRO À FÔRÇA. — *Fraquinho, o artigo que mandou. Vamos a ver se lhe damos um jeito. Mas é claro que deve continuar. A desistência é sempre uma atitude indigna do homem, sempre que pretendemos alcançar alguma coisa.*

RETARDADOR

ÊLES & ELAS

ANNA NEAGLE

Quem conhecesse apenas, da carreira cinematográfica de Anna Neagle, a sua magistral criação de «Raínha Vitória» e de «60 Anos de Glória», onde a figura da grande soberana foi por ela dada com tanta dignidade e verdade humana, ou a soubesse intérprete de «Edith Cavell», filme em que se foca a dramática existência dessa abnegada e heróica figura de mulher que a outra guerra celebrizou, e a tivesse visto depois interpretar, com tão grande vivacidade e leveza, com tanta presença e propriedade, a protagonista da comédia deliciosa que se chama «Irene», sentir-se-ia sèriamente embaraçado, decerto, ao saber que uma mesma artista fôra a criadora de personagens tão dispares.

Prova da sua sensibilidade de artista, da sua personalidade, da versatilidade do seu talento não cremos que possa haver melhor, nem mais convincente.

Anna Neagle é, indubitàvelmente, uma grande actriz!

É evidente que uma artista da sua categoria não se improvisa dum dia para o outro. Anna Neagle tem atrás de si uma carreira teatral notável, feita, étape por étape, nessa grande escola de actores que é o teatro inglês, qualquer que seja o género que nêle se considere.

Oriunda duma família de grandes tradições marítimas — seus avós foram oficiais de marinha e seu pai é capitão de marinha mercante — Anna Neagle, ansiosa de independência, cêdo começou a ganhar a sua vida. Primeiro como instrutora de gimnástica, professora de baile depois, tendo sido em 1925 finalista do Campeonato Mundial de Danças de Salão.

Foi a dança que a levou ao palco, onde, em 1926, se estreia como corista em «Wake Up and Dream», uma opulenta revista de Cochran, o famoso empresário londrino. Escolhida mais tarde por Jack Buchanan para sua «partenaire» na peça «Stand Up and Sing», a carreira daquela que viria a ser a maior vedeta do teatro ligeiro inglês, estava traçada. Seria também uma das mais categorizadas artistas do cinema do seu país, onde se estreia em 1930.

Anna Neagle, formosa, esbelta, loira, de olhos azul cobalto, nasceu em Londres, no bairro de Forest Gate, a 20 de Outubro de 1904, e é casada com Herbert Wilcox, o habitual realizador dos seus filmes.

Vamos vê-la brevemente no filme da R. K. O. Rádio Filmes, «No, No Nanette» versão cinematográfica duma das mais lindas operetas americanas cuja música maravilhosa foi um dos mais extraordinários êxitos de há vinte anos.

JAIME DE CASTRO



ANNA NEAGLE, da Rádio-Filmes

A criadora inolvidável da "Rainha Vitória„ e de "Irene„, cuja biografia publicamos na página 18, está na berra, nos E. U. A., e até em Portugal, onde é uma das concorrentes mais perigosas, para a Medalha do Animatógrafo. Êste soberbo retrato, que os leitores de que Anna Neagle é favorita certamente muito apreciarão, fala, como gente, da sua beleza, da sua elegância, do seu poder de sedução — e até do seu talento. Porque é preciso ter talento para "dar„, com um chapéu, um vestido e uma atitude, alguma coisa mais que um retrato: um documentário completo sôbre Anna Neagle, protagonista de "No, No, Nanette„, a famosa opereta, que a Rádio-Filmes não tardará em nos apresentar, e para que se augura um êxito absoluto.

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



«TOVARICH»

reúne mais uma vez os protagonistas de «Mundos Íntimos», CHARLES BOYER e CLAUDETTE COLBERT, os dois admiráveis artistas franceses que a América consagrou. A comédia é da S. I. F. e estreia-se amanhã no S. Luiz.

ESTE NÚMERO CONTÉM 2 RETRATOS-BRINDE: MIRNA LOY e ROBERT STACK-HELEN PARRISH